



a Voz do Operário

INFORMAÇÃO **140** ANOS
com CLASSE

Fundado em 11 de outubro de 1879 pelos operários manipuladores do tabaco
ANO 140 NÚMERO 3064 MENSÁRIO PREÇO €0,50 PORTE PAGO CABO RUIVO - TAXA PAGA
MARÇO 2019 DIRETOR DOMINGOS LOBO JORNAL REGIONAL DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA



ENTREVISTA

Carlos Alberto Vidal

O cantor que nos deu a todos um avô vai ser homenageado pel'A Voz do Operário no próximo dia 23 passando a ser sócio honorário da instituição. São décadas de uma carreira desafiadas numa entrevista em que o músico anuncia um novo álbum. **págs. 10 e 11**



A VOZ DO OPERÁRIO A festa do aniversário da instituição

São já 136 anos de vida da instituição que recebeu o nome do jornal numa comemoração, em fevereiro, que envolveu todos os espaços d'A Voz do Operário num ambiente de festa coletiva. **págs. 4 e 5**



SOCIEDADE

A juventude que constrói futuro

Os dias 24 e 28 de março fazem deste um mês marcado a sangue na história do movimento juvenil português. Em 1947 e em 1962, respetivamente, trabalhadores e estudantes foram duramente reprimidos pelas forças de

choque do fascismo. Passados 45 anos da revolução que esmagou a ditadura, a juventude continua a semear o futuro nas associações, escolas e locais de trabalho por uma vida digna com direitos para todos. **págs. 8 e 9**



Casa da Juventude de Almada em risco

Está a ser criticada a decisão da autarquia de Almada de entregar o Ponto de Encontro, Casa da Juventude, localizada em Cacilhas, à Companhia de Dança de Paulo Ribeiro. Fica em risco a continuidade de um espaço emblemático para a fruição e produção culturais com quase três décadas ao serviço dos jovens da cidade. **pág. 6**



João Aguardela, uma voz que faz falta

Foi-se embora há dez anos mas a voz inconfundível de João Aguardela permanece. Deu um importante contributo para a conciliação da juventude portuguesa com a música tradicional do nosso povo. Contagiava o público com os Sitiados e foi fundador d'A Naífa, onde misturou estéticas num projeto arrojado que marcou o nosso panorama musical. **pág. 17**



A encruzilhada da América Latina

Duas décadas de avanços sociais em vários países da América Latina conduzidos por governos democráticos e progressistas estão em risco com o avanço de forças alinhadas com o neoliberalismo e o recrudescimento do fascismo. É uma encruzilhada que se agrava com as ameaças de uma intervenção militar na Venezuela promovida por Washington. **págs. 18 e 19**

140.º aniversário do jornal A Voz do Operário

Manuel Figueiredo,
Presidente da Direção

Comemoramos em outubro de 2019, o 140.º aniversário do jornal *A Voz do Operário*, recordando que foi em 1879, numa reunião de operários tabaqueiros, em que se debatiam os muitos problemas da classe e se repudiava o fato de os jornais de então terem recusado a publicação de uma artigo sobre os seus problemas e reivindicações, que Custódio Gomes proferiu a célebre frase: “Soubesse eu escrever, que não estava com demoras. Já há muito que tínhamos jornal; bem ou mal, o que lá se disser é o que é a verdade. Amanhã reúne a nossa Associação e hei-de propor que se publique um periódico que nos defenda a todos e mesmo aos nossos companheiros de outras classes.”

E nessa reunião, Custódio Gomes deu a conhecer o seu projeto e foi Custódio Braz Pacheco, que desenvolveu a proposta relembando os problemas da classe e a ausência de um jornal dedicado às batalhas laborais e à emancipação dos trabalhadores. Um jornal onde não fosse preciso mendigar um espaço para a publicação de notícias, porque ele próprio estava ao serviço da causa operária.

E assim, em 11 de outubro de 1879 foi publicado o número inaugural do jornal *A Voz do Operário*, tendo Custódio Braz Pacheco assinado o editorial, no qual se delinearam as diretrizes do jornal, designadamente: “pugnar denodadamente pelos interesses materiais e morais da classe que representa; concorrer quanto possível para a educação e moral da classe operária e instrução do povo, defender os que sofrerem injustiças; vexames e violências; promover o desenvolvimento da agricultura, da indústria e do comércio, e trabalhar incessantemente para o bem-estar social” prosseguindo noutro texto: “pugnar pelos nossos interesses materiais e morais, fazermos sentir aos nossos opressores que, pelo trabalho e pela palavra, temos a força precisa para sacudirmos o jugo de ferro que nos quiseram impor, e bem assim demonstrarmos, com argumentos indestrutíveis, que a classe operária desempenha um importante papel no teatro do mundo”.

O nosso jornal faz parte do restrito grupo da imprensa centenária, sendo o mais antigo jornal operário em publica-

ção. A comemoração do seu 140.º aniversário terá como objetivo potenciar e incrementar a divulgação deste tão relevante projeto editorial.

São muitas as iniciativas que estão a ser programadas para decorrer ao longo do ano, com destaque para as próprias edições do jornal, a começar pela presente, como podem constatar.

A iniciativa de comemoração do 136.º aniversário da instituição, que decorrerá no próximo dia 23 e para a qual convidamos à participação dos sócios, que consistirá num jantar e sessão solene onde homenagearemos o grande amigo d’A Voz do Operário, Carlos Alberto Vidal, constituirá igualmente um ponto importante no arranque da comemoração dos 140 anos do nosso jornal.

De dentre as múltiplas ações, podemos desde já destacar a realização de vídeos promocionais e de narrativa da história do jornal *A Voz do Operário*, bem como a criação de um site próprio, que constituirá mais um importante meio de divulgação do jornal. Como sabem, já hoje é possível a sua leitura em modo digital na página d’A Voz do Operário. Com o site do jornal pretendemos ir mais além, designadamente por permitir incluir notícias com maior periodicidade e consequentemente com melhor acuidade.

Está prevista a realização em abril de um debate sob o tema “independência ao serviço de quem?” e em outubro uma conferência abarcando as questões: imprensa sindical; controlo mediático dos grandes grupos económicos; meios alternativos; ética e deontologia.

Vai ser realizada uma exposição itinerante com painéis móveis contendo o percurso histórico do jornal *A Voz do Operário* ao longo dos 140 anos da sua existência, a qual deverá percorrer escolas e locais de maior passagem pública da cidade de Lisboa, bem como outros espaços a elencar.

Está igualmente prevista a feitura de dois murais relativos ao jornal, um pintado no Largo da Graça e outro em azulejo na Travessa de São Vicente.

Nascido da luta dos operários, para dar voz aos que a não tinham, o jornal cumpriu e cumpre os desígnios dos seus fundadores, mantendo-se irredutível na defesa dos justos interesses dos trabalhadores, constituindo um espaço onde as suas aspirações, reivindicações e lutas continuam a ter um profundo eco.

EDITORIAL

Uma voz incómoda

No mês em que *A Voz do Operário* começa as comemorações do seu 140.º aniversário, que se assinala em outubro, vestimos o nosso jornal com uma ilustração de Tiago Albuquerque e brindámos aos que carregaram em ombros durante quase século e meio a árdua tarefa de manter este órgão que é bem mais do que tinta e papel. É um organismo vivo de mulheres e homens. É um testemunho de resistência para os tempos que vivemos. Na era do chumbo e da mentira, esta é uma cidade sem muro nem ameias como cantou Zeca Afonso.

Nesta edição, juntou-se a nós o mais conhecido avô das meninas e dos meninos d’A Voz do Operário. Carlos Alberto Vidal, que é muito mais do que o Avô Cantigas, é não só o entrevistado do mês como vai ser homenageado passando a ser sócio honorário da instituição.

E este é também o mês da juventude e das suas lutas. Em Almada, os jovens contestam a retirada da Casa da Juventude pela autarquia. Tanto os estudantes do ensino secundário como os trabalhadores jovens vão sair à rua pelos seus direitos e para assinalar a resistência à ditadura fascista derrotada há 45 anos. É também o mês das mulheres saírem à rua pelo direito à igualdade. Depois da importante greve dos trabalhadores da administração central e local, os professores também se preparam para mais uma grande jornada nacional de luta pela contagem integral do tempo de serviço.

Parece ser, hoje, bastante claro que houve recuperação de direitos e alguns avanços com a atual solução política governativa mas também parece cada vez mais óbvio que o PS só o fez por estar condicionado pelos entendimentos que assinou com os partidos à sua esquerda. Sempre que pode, o PS alinha-se com PSD e CDS-PP. Este é um sinal do que poderia ocorrer se eventualmente alcançasse uma maioria absoluta. Seria o PS de sempre.

É, pois, normal que se verifique um conjunto de lutas de diferentes setores descontentes com a surdez seletiva do governo.

Com as eleições europeias a aproximarem-se, agitam-se as águas políticas em torno das consequências da integração de Portugal na União Europeia. Um recente estudo do *Centre for European Policy* diz que cada português perdeu em média 41 mil euros com a introdução da moeda única.

a Voz do Operário

PROPRIEDADE E EDIÇÃO SIB A Voz do Operário
Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa
Telefone: 218 862 155. E-mail: jornal@vozoperario.pt

DIRETOR Domingos Lobo

DESIGN E PAGINAÇÃO Ana Ambrósio, Diogo Jorge
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Tiago Albuquerque

FOTOGRAFIA Nuno Agostinho

COLABORADORES André Levy, Bruno Carvalho, Carlos Moura, Domingos Lobo, Eugénio Rosa, Luís Caixeiro, Luís Carvalho, Manuel Figueiredo, Maurício Miguel, Nuno Ramos de Almeida, Raquel Ribeiro, Rego Mendes, Rita Morais, Sofia Riachos

REDAÇÃO Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa

IMPRESSÃO Empresa Gráfica Funchalense, SA
Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição,
n.º 50 – Morelena, 2715 – 029 Pêro Pinheiro

N.º DE REGISTO NA ERC 107759

DEPÓSITO LEGAL 6394/84

PERIODICIDADE Mensal

TIRAGEM 3.500 exemplares

ESTATUTO EDITORIAL www.vozoperario.pt



Membro da
Associação da
Imprensa
Não-Diária

Associação
Portuguesa
da Imprensa
Regional



ESCOLAS

Se não sabe porque é que pergunta?

A diversidade em debate

(Parte 2)

Sérgio Gaitas

Diretor Pedagógico do Espaço Educativo da Graça

Esta questão, título da obra que regista em livro um diálogo entre João dos Santos e João Monteiro, parece-nos ser uma metáfora interessante para explicitar o argumento que vos trazemos. Importa ganhar consciência de que todas as crianças precisam de ver consideradas as suas diferenças e agrupadas com outras crianças com diferentes necessidades e formas de pensar para se poderem enriquecer mutuamente pela diferença.

Neste contexto, os agrupamentos de alunos com o objetivo de os homogeneizar iniciam processos de discriminação que se traduzem na criação de guetos e de processos educativos de primeira versus processos educativos de segunda. A utilização do critério idade para a criação de grupos tem demonstrado largamente a sua ineficiência. Basta olharmos para as estatísticas do insucesso ou, em alternativa, por exemplo, no programa mundialmente conhecido: As novas oportunidades. Ou seja, genericamente a questão é a seguinte: somos conhecidos pela fragilidade dos nossos processos educativos (os primeiros). Porém, não pensamos em como os melhorar. Em vez disso, criamos umas segundas oportunidades que procuram remediar o que não correu bem com as primeiras. Independentemente da bondade, rapidamente se verificou que as novas oportunidades foram associadas a oportunidades para os incapazes que não conseguiram à primeira. Transformámos as segundas oportunidades em oportunidades de segunda. De mansinho assistimos à criação dentro da escola de grupos com carácter temporário que, mais cedo ou mais tarde, levam os elementos que os constituem a apropriar-se da identidade atribuída e a tornarem-se definitivos: os que têm um ritmo de aprendizagem lento, os que estão atrasados, os que vão à frente, etc. O que devia ter sido uma forma de ajuda temporária transforma-se numa forma de organização de trabalho definitiva.

Com os iguais aprendemos pouco. Encontramos conforto nas certezas e, como Narciso, ficamos seduzidos pelo espelho que o outro se torna. Porém, como a História não se cansa de nos demonstrar, rapidamente nos transformamos em inimigos e, pela competição, queremos ser melhor do que os outros.

Na realidade, só o confronto com a diferença pode suscitar o que os psicólogos apelidam de conflito sociocognitivo. Só evoluímos quando temos a necessidades de integrar diferentes perspetivas que nos permitem reconfigurar o pensamento atual e aceder a níveis superiores de complexidade. É fundamental examinar diferentes soluções para os mesmos problemas. Devemos introduzir no nos-

so sistema de pensamento factos novos introduzidos pelo pensamento dos outros. Para podermos evoluir é necessário confrontar as representações que temos com as representações que os outros têm sobre as mesmas coisas, comparar as nossas formas de aprender com as formas de aprender dos nossos camaradas e perceber nas diferentes formas de abordar as situações, aquilo que têm em comum e de diferente.

Para o desenvolvimento intelectual é fundamental fazermos o exercício de aproximar e integrar os diferentes pontos de vista e de distinguir, progressivamente, o saber do crer, aquilo que são as diferenças fundamentais daquilo que pode ser um ponto de acordo. Um saber onde se articula aquilo que nos é comum e, portanto, todos concordam, daquilo que nos separa, e sublinha as diferenças legítimas e aceitáveis entre diferentes pontos de vista, opiniões e conceções de uns e de outros.

Certo que este conflito não se produz espontaneamente, e muito menos se nasce com uma predisposição genética para o efeito, é necessário um saber profissional e um controlo pedagógico para favorecer o pensamento e as trocas entre os alunos, evitando que a confrontação se torne num conflito de influências que será ganho pela intimidação, imposição e medo de acordo com os estatutos sociais mais ou menos explícitos.

Os professores não se podem abster e deixar que a espontaneidade tome conta das interações. É importante garantir que todos têm a oportunidade de se exprimir e de ser entendidos e que a tarefa/atividade proposta requer necessariamente a intervenção de todos. Assim, com estas condições garantidas, rapidamente nos apercebemos em que ponto é que a intervenção é eficaz: ela permite

que os alunos mais frágeis numa determinada atividade se possam desenvolver e, em simultâneo, que os alunos identificados como os que têm aprendizagens mais sólidas encontrem obstáculos na explicitação do conhecimento, o que lhes permite melhorar a sua apropriação. Pois, a melhor maneira de aprender continua a ser a de ensinar. A obrigação de tornar o conhecimento explícito para o outro faz evoluir o pensamento e, assim, consolidar o conhecimento.

Para além da mediação educativa nas interações entre os alunos também a interação entre professor e alunos deve buscar o desenvolvimento do pensamento. Para tal, as interações verbais são fundamentais. Os trabalhos que têm sido feitos nesta área têm demonstrado que os professores dispõem de um conjunto de recursos para suportar o desenvolvimento dos alunos, muito para além das perguntas diretas. Considere-se: o incentivo à realização de inferências a partir de determinados conhecimentos, pedidos de justificação ou clarificação de uma opinião e/ou resposta, a focalização da atenção para um aspeto da tarefa em particular, o pedido de um resumo ou elaboração conceptual, são alguns exemplos de alternativa às perguntas diretas.

Contudo, a realidade é outra. Os trabalhos que têm sido feitos sobre as interações em sala revelam que a fala do professor ocupa entre 80% a 90% do tempo das aulas. E as interações predominantes são as mais pobres: Pergunta do professor, resposta do aluno, avaliação pelo professor e nova pergunta do professor.

Assim, permanece a questão: se a aprendizagem é feita pela negociação de significados através da confrontação de pontos de vista, como é que os alunos aprendem se não podem falar?

PUBLICIDADE

CHURRASQUEIRA / SNACK BAR

CRIS & TONI

TELEFONE: 218 868 358

Trav. Stº António à Graça, 33 B 1170

JOSÉ J. COSTA & FILHO

PRONTO A VESTIR PARA BEBÉ - INFANTIL E JUVENIL

RUA DA GRAÇA, 65A - 1170-167 LISBOA - TEL/FAX 218 866 714

ANIVERSÁRIO D'A VOZ DO OPERÁRIO

Uma instituição com 136 anos de história

Fevereiro foi mês de festa merecida na Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário. Há 136 anos, os operários tabaqueiros que haviam fundado o jornal *A Voz do Operário* quatro anos antes, decidiram lançar esta instituição batizada com o mesmo nome que a publicação. O objetivo era o de sustentar o jornal, levar apoio social ao operariado, procurando melhorar as suas condições de vida e trabalho, e dar instrução e educação aos filhos dos trabalhadores. Hoje, é um projeto de raízes sólidas, reconhecido publicamente, que se mantém fiel aos seus valores iniciais e que assenta a sua atividade no ensino através de um modelo pedagógico alternativo em sete diferentes espaços educativos localizados na Graça, Ajuda, Restelo, Baixa da Banheira, Lavradio e Laranjeiro. A instituição desenvolve diferentes serviços de apoio social através do seu refeitório, do serviço de apoio domiciliário e do seu centro de convívio. Simultaneamente, a profusão de atividades desportivas e culturais faz parte da vida d'A Voz do Operário desde o seu nascimento.

A festa que coloriu os espaços d'A Voz

Na Graça, o dia 13 de fevereiro arrancou com os alunos do pré-escolar e do 1.º ciclo a fazerem-se ouvir logo pela manhã entre comunicações de projetos, textos, poemas, hinos e músicas que contagiaram todos os locais por onde passaram, distribuindo jornais por eles elaborados e fazendo algumas entrevistas aos turistas de modo a divulgar todo o trabalho e impacto desta forma de aprender e crescer. Já o 2.º ciclo recuou no tempo e, vestidos de ardinhas com o rigor que a época pedia, recordou através de pequenas apresentações e leituras,

como graças a este dia, há 136 anos, A Voz do Operário consegue, hoje, promover uma iniciativa de confiança, de liberdade e de respeito. Os alunos cantaram os hinos d'A Voz à porta da nossa instituição e, na mesma ocasião, lembraram Custódio Brás Pacheco, fundador d'A Voz do Operário, e as suas palavras "soubesse eu escrever e já há muito que tínhamos um jornal...". Professores, educadores e crianças montaram ainda uma exposição aberta a quem a quisesse visitar à entrada da instituição, sendo que nesta era visível todo o trabalho desenvolvido pelas diferentes valências do Espaço Educativo da Graça. Ao circular pelos corredores, expositores, fotografias e textos elaborados por quem vive o espírito d'A Voz do Operário diariamente, seria impossível que os visitantes não se questionassem sobre o papel desta instituição para a vida de quem dentro dela cresce. Através de todos os registos expostos cada olhar confirmava como esta instituição contribui para a formação de futuros cidadãos e cidadãs e como, pelo trabalho desenvolvido dentro do grande edifício que é A Voz do Operário, cada criança sabe que tem um papel fundamental num clima de livre expressão, constituindo-se como um contexto onde a partilha com todo o grupo - possibilitando a construção de conhecimento, edificando valores e acrescentando sentidos aos recursos de aprender - está presente. O dia acabou no Largo da Graça com todos os funcionários, alunos e crianças de todas as valências unidos para celebrar A Voz do Operário, cantando com orgulho o hino desta instituição.

No Espaço Educativo do Restelo, o aniversário foi vivido, acima de tudo, numa lógica de partilha. Foi projetado um vídeo sobre a história da instituição, onde todas



Mensagens de parabéns dos alunos da escola do Restelo

as crianças puderam conhecer um pouco mais d'A Voz do Operário, desde a sua origem até aos dias de hoje. Em cada grupo, houve momentos de partilha sobre a vida da escola e da instituição, adaptados às diferentes realidades. Para que toda a comunidade pudesse manifestar o seu carinho, foi construído um painel com cartões onde todos, trabalhadores, crianças e famílias, pudessem deixar uma mensagem de felicitações. Os parabéns foram cantados no recreio para que todos sem exceção pudessem marcar presença num dia que se organizou também uma feira do livro.

A comunidade educativa do espaço da Ajuda juntou-se no mesmo dia para comemorar os 136 anos da instituição. Nas salas, cada grupo confeccionou iguarias



Alunos do 2.º ciclo recuam no tempo e vestem-se de ardinhas



Aluno distribui o jornal d'A Voz do Operário



Crianças da creche da Ajuda festejam com um bolo de aniversário

para a festa e as crianças decoraram o recreio para ficar vestido a rigor para este dia feliz.

No Laranjeiro, as comemorações ocorreram em dois dias com atividades distintas. No dia 13 de fevereiro, fez-se uma distribuição de jornais e informações sobre a escola na freguesia. As crianças dividiram-se em grupos por sala e percorreram diferentes zonas da freguesia contactando com as pessoas, abordando-as e falando-lhes da instituição e do aniversário. Na escola, como tem sido prática, os grupos trabalharam em torno da história d'A Voz do Operário, a sua fundação e valores. Cantaram os parabéns e comeram os bolos que fizeram durante a semana. No dia 16 de fevereiro, sábado, a escola esteve aberta toda a manhã. Aí foram recebidas famílias e as crianças para um dia aberto e de convívio em torno do aniversário e foi realizada uma venda dos vários produtos que as crianças fizeram durante a semana.

Com uma distribuição do jornal e contacto com a população, as crianças do Espaço Educativo do Lavradio celebraram o aniversário da instituição. As meninas e

meninos, com a participação de alguns pais, fizeram um bolo de grandes dimensões e montaram uma banca na rua distribuindo fatias pelas pessoas que iam passando. Durante a semana, procurou-se associar o aniversário da instituição ao jornal que lhe deu origem através de um trabalho de pesquisa em torno da publicação.

Na Baixa da Banheira, o aniversário ficou marcado também por uma festa no dia 13 de fevereiro na qual participaram crianças, pais e trabalhadores mas no mês anterior cada sala de pré-escolar e a valência de creche, em conjunto com as crianças e famílias, decidiram que tipo de contributo poderiam dar para melhorar as condições da escola. Trabalhadores e pais ficaram responsáveis pela conceção e desenvolvimento de um projeto de melhoramento da entrada da escola envolvendo a pintura e decoração desse espaço e a criação de uma horta. Nas salas de pré-escolar, desenvolveram vários projetos que foram desde a conceção e construção de jogos, construção de uma parede musical e construção de uma parede de escalada à decoração das árvores e do recreio.



Jantar de aniversário

com homenagem ao músico
Carlos Alberto Vidal

23 de março às 20h

Menu:

Ginjinha
Pão fatiado
Azeitonas temperadas
Queijo fresco c/ doce de abóbora
Creme de legumes
Arroz de polvo
Salada de alface, tomate e beterraba
Prato vegetariano a quem solicitar
Bolo de aniversário c/ champanhe
Vinho, sangria, cerveja
Sumo de laranja e águas

Preço: 10€

Crianças dos 6 aos 12 anos: 5€

Marcações com Sofia Cruz através de:

Email: geral@vozoperario.pt

Tel.: 218 862 155 / 962 472 093

Sede: Rua da Voz do Operário, 13, Lisboa

PUBLICIDADE



Tel. 351 - 218 872 755

Largo da Graça, 112/113
1170-135 Lisboa - PORTUGAL
www.sangiorgio.pt geral@sangiorgio.pt



Rua da Graça, 52 - 1100-170 Lisboa
Tlm.: 936 277 135
Email: marga.acemoda@gmail.com



ALMADA

Autarquia põe em risco casa da juventude

A entrega da Casa Municipal da Juventude a uma escola de dança de Viseu causa polémica em Almada. A autarquia local celebrou um protocolo com a Companhia Paulo Ribeiro em que é cedido o espaço emblemático para os jovens do concelho, conhecido como Ponto de Encontro, que existe desde 1989 em Cacilhas.

De acordo com o protocolo, a utilização do equipamento é entregue a título gratuito com um apoio municipal acrescido de 120 mil euros anuais com o objetivo de se criar a Casa da Dança de Almada. Em comunicado, a autarquia diz que quer “garantir uma oferta de qualidade ao nível da programação de espetáculos de dança contemporânea e promover o ensino das diferentes modalidades de dança contemporânea e, sobretudo, junto da população mais jovem de lançar novos horizontes e de resgatar talentos”. A Câmara Municipal destaca ainda a “projeção internacional” do coreógrafo e bailarino Paulo Ribeiro, que já foi diretor de várias companhias e estruturas de bailado, como o Teatro Viriato, Ballet Gulbenkian e Companhia Nacional de Bailado (CNB), da qual se demitiu em julho “por decisão pessoal”. A Casa da Dança de Almada deverá apresentar, “no decorrer do ano 2019, o plano estratégico para a implementação efetiva do projeto”, e assegurar duas atuações com produções próprias, apresentar duas coproduções com companhias congéneres, nacionais ou internacionais, promover um acolhimento internacional, parcerias e intercâmbios.

Mas *A Voz do Operário* sabe que a decisão não é consensual em Almada. O protocolo recebeu a oposição dos eleitos da CDU no executivo e de um grupo de cidadãos que contesta o protocolo que cede um equipamento municipal que continua a ser um espaço de trabalho para muitos artistas e associações. A coreógrafa Cláudia Dias contesta a decisão e afirma que não se pode substituir um projeto histórico de fruição e criação cultural de todos por um projeto de uma pessoa. “É um ato de exclusão”, afirma. Nega que o Ponto de Encontro esteja morto como alega a



Casa da Juventude funcionava desde 1989

autarquia e diz que esta casa “foi um incubadora de atores, músicos, bailarinos e fotógrafos que antes de serem profissionais por ali passaram”. Para Cláudia Dias, “as pessoas deixam de ter uma ferramenta de criação livre. Se houvesse respeito pelas companhias profissionais, pelos grupos do concelho e pelo movimento associativo e viesse outra estrutura era uma coisa mas quando há um ataque ao movimento associativo, desrespeito pelas companhias de dança e teatro já existentes isto quer dizer outra coisa”. Cortam-se apoios e subsídios às associações locais e investe-se num projeto externo, considera a coreógrafa que aponta razões ideológicas para a forma como se tratam os agentes locais.

Um dos almadenses que testemunhou a criação do Ponto de Encontro, recorda que era “o quartel general dos jovens rebeldes, os criativos da região. Aqui dezenas de bandas de todos os tipos se juntavam, criavam laços inter-tribais, ensaiavam, davam concertos. Aqui se fazia a Feira do Metal. Aqui se fazia a Feira Mundial do Fanzine. Aqui se apresentavam performances multimédia. E bailado contemporâneo. E sessões de vídeo. E a BD dos 4 magníficos do Hips”, escreveu Miguel Paulitos nas redes sociais. O texto contesta a decisão da autarquia de que diz só conhecer de Almada o Cristo Rei. “Mais 120.000 biscoitos anuais. Se pensam que vamos assistir a isso passivamente bem podem escolher uma poltrona confortável e esperar sentados”.

PUBLICIDADE

BARBEARIA JOÃO
de João Anjo
933 568 727

Barbearia I	Barbearia II
Av. General Roçadas nº 83 Penha de França Tel.: 218 120 524	Rua da Graça nº 148 Graça Tel.: 210 173 875

A Penalva da Graça
Restaurante - Cervejaria - Marisqueira

Rua da Graça, 26
1170-170 Lisboa

Telef.: 218 872 755
Telem.: 965 030 450

SAPATARIAS

ZUZARTE

ANÍBAL ZUZARTE & FILHO, LDA.

Rua da Graça, 130 - 1170-171 LISBOA
Telef. / Fax: 218 867 222

LISBOA

Oposição d'Os Verdes ao abate de árvores

O Partido Ecologista Os Verdes (PEV) lançou uma carta aberta pela preservação das árvores em Lisboa dirigida à Câmara Municipal e que está aberta à subscrição pública na internet e em papel. A um ano da cidade se tornar a Capital Verde Europeia, o documento critica o “abates de árvores para a construção do novo terminal de cruzeiros e da Torre de Picoas, no Príncipe Real e no Bairro da Boavista, em pleno Parque Florestal de Monsanto, para a construção de um campo de rugby, ou o abate de árvores de grande porte (Choupos Negros e Tipuanas) no Saldanha e na Av. Fontes Pereira de Melo, na sequência das obras no Eixo Central”. Refere ainda as “podas excessivas da Bela-Sombra nos Anjos (classificada de Interesse Público) e de freixos na Av. Guerra Junqueiro e muitas outras intervenções mal cuidadas, assim como o calcetamento de caldeiras”.

À *A Voz do Operário*, a deputada municipal do PEV, Cláudia Madeira, afirmou que o objetivo da carta aberta “é alertar para algumas más práticas que a Câmara Municipal de Lisboa tem vindo a desenvolver ou a permitir” e que o seu partido tem “recebido várias denúncias de munícipes e de associações a este propósito”. Cláudia Madeira considerou que se tratam de “atentados” e que “em nada se coadunam com a sustentabilidade e com o respeito que as árvores merecem”.

Os Verdes têm também vindo a exigir repetidamente a reativação da Escola de Jardinagem da autarquia, enquanto campo de formação de jardineiros para desempenho de funções, em vez de se contratar empresas privadas para a manutenção dos espaços verdes, onde se gastam milhões de euros. A deputada municipal deu como exemplo o facto de a autarquia “ter apenas cerca de cem jardineiros quando precisaria de mil” e de ter aberto um concurso “apenas para oito jardineiros depois de vários anos sem contratar ninguém”.

Mas a eleita municipal reclama igualmente “uma



PEV denuncia abate de árvores

resposta adequada e integrada no que diz respeito à gestão e manutenção do arvoredo” e, nesse sentido, o PEV propôs que as árvores de alinhamento e os espaços verdes de média e grande dimensão “voltassem a ser geridos pela câmara” e não pelas freguesias, “o que tem levado à privatização da manutenção dos espaços verdes”. Esta carta aberta será entregue ao executivo camarário a 21 de março, Dia Mundial da Árvore, estando previstas ações de contato com a população e de recolha de assinaturas, durante este mês.

SEIXAL

Utentes exigem fim de ataques a SNS

A Comissão de Utentes da Saúde do Concelho do Seixal (CUSCS) emitiu um comunicado em que denuncia os ataques ao Serviço Nacional de Saúde (SNS) no ano em que este comemora o 40.º aniversário e em que se discute na Assembleia da República uma nova Lei de Bases da Saúde, noticia o *AbrilAbril*. “É para nós evidente que, a forma como diariamente se avolumam conflitos e declarações inflamadas e incriminatórias, tem uma finalidade pensada e objetiva de fragilização do SNS”, afirma o documento.

Os utentes destacam a “chantagem dos principais grupos privados da Saúde sobre a ADSE”, indiciando formas de pressão concertadas com o fim de criar um clima favorável à adoção de medidas que “fragilizem o SNS e esbulhem ainda mais os seus recursos, em favor dos interesses e lucros desses grupos empresariais”.

A CUSCS condena o que chama de “ações de intoxicação da opinião pública” com o propósito de “passar a imagem de um SNS ingovernável e sem soluções”, ao mesmo tempo que identifica a origem do problema.

Revela que as causas “residem nas opções políticas levadas a cabo ao longo dos anos, com maior evidência para os cortes e desinvestimentos feitos no período negro da troika”. Quanto aos responsáveis, a estrutura aponta o dedo «àqueles que ao longo dos anos estiveram a frente dos destinos do sector e que teimosamente insistiram em prosseguir uma política orientada para o desinvestimento no serviço público, em favor do crescimento dos grupos privados».

A CUSCS reivindica ainda a admissão dos profissionais em falta, como médicos e enfermeiros, e a abertura de extensões dos centros de saúde em Aldeia de Paio Pires e Foros da Amora, a par da realização de obras e beneficiações nas instalações existentes.

PUBLICIDADE

Tel.: 218 862 273
E-mail: vitafruta@vitafruta.pt

Mercearia Estrela da Graça, Lda
Largo da Graça, Nº115
1170-165 Lisboa

António Ferreira - Gerente

SOREAPRE, LDA.

VICENTINA

LIVROS ESCOLARES — MATERIAL ESCOLAR
REVENDEDOR DA EDITORIAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Fax: 218 866 502
Telef. 218 862 439
Tlm. 91 400 22 32

Rua da Verónica, 126-B — 1170-387 LISBOA
(EM FRENTE DA ESCOLA SECUNDARIA GIL VICENTE)

A Cabreira

Largo da Graça, 22 | 1170-165 Lisboa
Tel: 218 861 989 | cabreiraabp@sapo.pt
www.facebook.com/ACP.Cabreira

JUVENTUDE



Germinal, a juventude que constrói futuro

Em Portugal, ao mês de março associou-se a memória dos jovens que durante o fascismo combateram a violência do regime. Como no livro de Émile Zola, as sementes que fazem rebentar a terra brotam no *Germinal*, o mês inventado pelos revolucionários franceses, em 1792, para evocar o início da primavera, tratam de construir o futuro. Sem esquecer o passado, são muitos os jovens que, hoje, fintam os cantos de sereia da apatia e do individualismo de quem quer impôr limites à irreverência.

Bruno Amaral de Carvalho

São três da tarde na Reboleira. No Estádio José Gomes, o Estrela da Amadora defronta o Belenenses na última divisão das distritais do futebol nacional. É literalmente a liga dos últimos. Longe dos holofotes dos clubes geridos como empresas, sete mil adeptos, jovens na sua maioria, cantam e animam as bancadas numa festa que cheira a cerveja e entremeada. No meio da Fúria Azul, André Pagaimé torce pela equipa de Belém.

O retrato de uma juventude confor-

mista não encaixa no perfil deste jovem de 25 anos que aproveita cada segundo do seu tempo para se envolver em todo o tipo de atividades. Na Moita, onde vive, participa na Associação de Moradores do Bairro Novo, é membro da Comissão de Festas do Chão Duro, ajudou a fundar a Banda Filarmónica do concelho onde toca e é praticante, treinador e um dos principais dirigentes das associações nacionais de pelota e pelota basca. No tempo que sobra tenta impulsionar um grupo de esperanto na Moita, um dos idiomas que aprendeu, e faz parte da claqué do Belenenses.

“Quando comecei a jogar pelota não existia nada perto. Então, tive que ligar a modalidade a um clube e passei a integrar a direção, depois com os anos fui entrando para as estruturas nacionais das associações que representam a modalidade, penso que pelo trabalho que tenho feito na modalidade. Na banda foi a mesma coisa. A Moita não tinha Banda Filarmónica há quase 40 anos e um grupo de músicos como eu, que tocavam noutros lados, decidi arrancar e ficamos à frente do projeto”, explica André. Depois, ficou-lhe o “bichinho de fazer e organizar coisas” e passou a colaborar

com a Comissão Festas Populares e com a Associação de Moradores.

O jovem descreve que treinou e jogou com centenas de jovens que puderam praticar uma modalidade gratuita quando a maioria é paga. O mesmo acontece com as aulas de música que dá. “Sem este trabalho, e de tantos outros, centenas de crianças estariam privadas de direitos tão básicos como o acesso ao desporto e à cultura. Dá-me motivação ver jovens que entraram com 15 e 16 anos que passado pouco tempo começam a ensinar os mais novos”, explica.

Uma das coisas mais importantes,

descreve o jovem, foi ter conhecido centenas de pessoas no país e no mundo. Sobretudo, “trabalhar em equipa para realizar coisas que à partida parecem impossíveis”. Mas assume que isso nem sempre é possível se não houver determinados apoios. “Penso que tive a maior sorte do mundo em desenvolver a minha atividade no concelho da Moita. Só não fazem pelo desporto e pela cultura aquilo que não podem. Acho que a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia entendem muito bem que muitas vezes é o movimento associativo a garantir à população valências que deveriam ser responsabilidade do poder central. O acesso à cultura e ao desporto, se não fossem promovidos pelo município e desenvolvido pelo movimento associativo, seria nulo”, denuncia.

André Pagaime não tem dúvidas. A participação associativa dos jovens “é fundamental numa democracia”. Para o jovem, colocar um voto na urna é sem dúvida fácil. “O difícil é trabalhar todo o ano em prol da comunidade de forma voluntária e com todos os obstáculos que se levantam ao movimento associativo”.

A chama inesgotável da luta estudantil

Ano após ano, desde 1962, comemorase o 24 de março, um marco histórico na luta dos estudantes portugueses contra o fascismo, pelo direito de reunião e de associação, pela autonomia das universidades e pela democratização do ensino. Em manifestações e greves os jovens enfrentaram proibições, encerramento de associações de estudantes, cargas policiais, prisões em massa e expulsões. Quando assumir uma posição era arriscar a vida, a chama estudantil incendiou a luta antifascista.

Este ano, os estudantes do ensino secundário assumiram o repto de fazer deste dia não apenas um exercício de memória mas também uma jornada de luta no dia 20 de março sob o lema *Pela Escola Pública, Gratuita, Democrática e de Qualidade*, organizada pela plataforma *É Agora*, lançada pela Escola Secundária de Camões e pela Escola Secundária António Arroio. Até ao momento, mais de 20 associações de estudantes subscreveram o apelo de sair à rua que recorda também que se assinala este ano o 45.º aniversário da revolução de Abril. Entre as principais reivindicações, os estudantes exigem obras nas escolas, mais professores e funcionários, fim da municipalização, revogação do estatuto do aluno e fim dos exames nacionais.

Samuel Bento, um dos dirigentes associativos que impulsionaram o documento, é o presidente da Associação de Estudantes da Escola Secundária de Camões, em Lisboa. Com 17 anos, a estudar Ciências e Tecnologia no 12.º ano, diz que sempre gostou de estar ativo na escola. Quando saiu da Escola

Básica Patrício Prazeres, envolveu-se no Movimento Camões. “É um espaço onde muitos estudantes acabaram por se envolver na organização de debates, iniciativas e festas”, afirma o estudante.

No ano anterior, já tinha participado numa lista que não ganhou as eleições para a Associação de Estudante e, este ano, o projeto que encabeçou acabou por recolher a maioria dos votos. “É algo que envolve muita responsabilidade. Defender os estudantes e defender direitos, entre as muitas outras atividades, sem grande apoio financeiro”, explica. Considera também que há muitos entraves à democracia em várias escolas e fala de interferências intoleráveis de direções em processos eleitorais e reuniões gerais de alunos e verdadeiros atos de repressão e perseguição de estudantes. Não é atualmente o caso da Escola Secundária de Camões, em que alunos, professores e funcionários não docentes estão unidos na luta por obras de fundo no estabelecimento de ensino. Em janeiro deste ano, 700 alunos desfilarão até à Assembleia da República para exigir uma intervenção urgente num edifício centenário que já teve obras programadas para 2011. “Para os bancos vão milhões, para as escolas vão tostões”, denuncia Simão.

Enquanto dirigente associativo estudantil, sente que é uma experiência que marca. “Acabamos por ter mais confiança em nós próprios, por termos esperança de que de forma organizada o mundo é nosso, que fazemos a diferença. Mas não precisamos de ser dirigentes para lutar, nem devemos ter medo de lutar”, afirma. “Como ouvi uma vez Arménio Carlos dizer, a única coisa que cai do céu é chuva, o resto é luta”.

A força do trabalho na consciência juvenil

Se é certo que muitos jovens ganham consciência enquanto estudantes, também é certo que as contradições se avolumam quando o contexto mostra a verdade como punhos. Os dias tornaram-se azedos para Diogo Correia quando entrou para o curso de Comunicação e Cultura da Faculdade de Letras, em Lisboa, e se viu confrontado com a realidade. “Com os elevados custos do ensino superior e, por outro, com o facto de me ter sido negada a bolsa. Como aquela faculdade também tem tradição de luta, foi relativamente fácil o meu envolvimento no movimento associativo estudantil”, explica.

Nascido nas Galinheiras, um dos bairros mais pobres de Lisboa, tinha estudado na Musgueira, Odivelas e Póvoa de Santo Adrião. Aos 27 anos, conta como teve contacto com o mundo do trabalho num verão quando o pai estava desempregado. “Trabalhei num centro de contacto em *part-time*, à noite, com contrato precário e um salário



Jovens trabalhadores manifestam-se contra a precariedade

de 200€ por quatro horas de trabalho diárias. Penso que tudo isto me ajudou a desenvolver a minha consciência e tomar a decisão de que teria de fazer alguma coisa”.

Em 2012, com o país no precipício da troika, não encontrou trabalho na área que queria, jornalismo. Tudo o que encontrava eram estágios a tempo inteiro a troco de pouco mais do que 100 euros por mês. Decidiu trabalhar numa gráfica onde esteve dois anos com contratos a prazo. “Foi lá que me sindicalizei pela primeira vez, sem assumir tarefas. Mais tarde, fui trabalhar como electricista e assumi responsabilidades como dirigente no meu sindicato, o SIESI, e na Interjovem, porque acredito que posso acrescentar a minha força e o meu contributo individual ao de muitos outros para melhorar a vida de quem trabalha e transformar a sociedade”.

O jovem sindicalista considera que os jovens trabalhadores convivem, hoje, com o flagelo da precariedade, dos baixos salários e dos horários desregulados. “Temos milhares de trabalhadores no nosso país a ocuparem um posto de trabalho permanente mas com uma situação extremamente precária, sem saberem quando vão trabalhar nem quanto vão receber ao fim do mês. Os salários não chegam para os jovens se emanciparem e cumprirem os seus objetivos mais básicos como sair de casa dos pais ou constituir família. Os preços da habitação estão inflacionados e inacessíveis à maioria dos jovens. Successivos governos falam da necessidade de aumentar a natalidade, mas não dão as condições para que os jovens possam concretizar esses sonhos”.

Apesar de todos os obstáculos que se levantam e que também “prejudicam a ação sindical”, Diogo Correia afirma que há muitos jovens “a tomar a dianteira da luta e a exigir mudanças”. Hoje,

há milhares de trabalhadores com vínculos precários organizados nos sindicatos da CGTP. “Organizados, a lutar e a conseguir conquistar direitos. Quem imaginaria isto há 15 anos?”, questiona. “Claro que a ideologia dominante procura impor a ideia de que os jovens são apáticos e que não intervêm, mas não corresponde à verdade. Tanto é assim que o sistema procura canalizar sentimentos justos dos trabalhadores para a luta supostamente inorgânica e certamente inconsequente. É por isso que precisamos de estar constantemente nas bases, nas empresas, a ouvir o que os trabalhadores têm para nos dizer e canalizar os seus sentimentos para a luta organizada e consequente”.

E 72 anos depois da repressão que se abateu sobre as centenas de jovens do Movimento de Unidade Democrática Juvenil que se conviviam a 28 de março em Bela Mandil, no Algarve, os trabalhadores jovens de hoje preparam uma manifestação com a mesma data rumo à Assembleia da República a partir do Rossio, sob o lema *Não somos descartáveis! Temos direitos! Queremos estabilidade!*. “É o Dia Nacional da Juventude e faz todo o sentido continuar a comemorá-lo em luta, não para cumprir calendário, mas porque os motivos que estão na sua origem ainda se mantêm. O voto é importante, mas a democracia e a liberdade não se esgotam aí. A democracia não pode ficar à porta do local de trabalho. A precariedade e os baixos salários limitam a participação social. Surge o medo de perder o emprego e a seguir a repressão para não se exercerem direitos no local de trabalho ou até mesmo fora dele. Muitos jovens têm dois empregos para fazer face às despesas e, muitas vezes, vivem uma vida que não lhes permite sequer ter tempo para reflectir, para ter esta ou aquela atividade, para ler um livro ou ir a um cinema”.

CARLOS ALBERTO VIDAL

“A Voz do Operário é a casa dos amigos”

Prestes a lançar mais um álbum, aos 65 anos, Carlos Alberto Vidal continua a mostrar jovialidade apesar de ser o avô mais conhecido dos portugueses. É uma trajetória de vida atravessada por diferentes registos musicais mas profundamente caracterizada pelas canções infantis que marcaram muitas gerações desde 1982. Este mês, vai ser homenageado pela A Voz do Operário, passando a fazer parte da lista de ilustres sócios honorários que ano após ano são reconhecidos pela instituição.



Músico Carlos Alberto Vidal

Bruno Amaral de Carvalho

Nasceu na Lousã. Que influências ficaram?

As influências que ficaram não foram musicais mas foram determinantes para o adulto que depois eu seria. O facto de ter nascido ali num ambiente de província, interior do país, naquela época, aquilo moldou-me de certa forma. Os meus avós viviam perto da serra que eu frequentava muito. Tive um contato desde muito cedo com a natureza pura e dura. Ali, no sopé da serra. Além disso estamos a falar de uma área muito rica a nível turístico. As ermidas de nossa senhora da piedade, o castelo dos mouros...e eu fazia muito esses percursos da casa do meu avô até essas zonas. Os percursos em si também eram muito boni-

tos e eu imaginava-me nas mais variadas situações, às vezes cavaleiro, outras vezes outra coisa. Eram caminhos que se faziam com muita brincadeira à mistura. Eu adorava aquele ambiente, sinto que foi determinante para a pessoa que eu sou hoje no sentido de eu ter sempre uma ligação profunda com a natureza que me rodeia, esteja eu onde estiver.

Continua a ir lá?

Sim, vou com regularidade. Tenho fases em que vou mais vezes por um motivo ou outro e depois fico assim uma temporada mais longa sem ir. Quando surge a oportunidade é sempre bom porque é um regresso a casa. Tenho lá alguma família e tenho lá também alguns amigos desse tempo. Quando nos vemos é sempre agradável. Recordar, conversar e sentir que passados tantos anos estamos vivos.

Como era a relação que tinha com os seus avós?

Era uma relação bonita, agradável. O meu avô materno também era músico. Tocava na banda filarmónica e não sei se não terei herdado dele algum gosto pela música. Sei que anos depois eu viria a ser músico também. Ainda com o meu avô vivo, já tinha o meu primeiro disco gravado e ele tinha um grande orgulho do neto que cantava na televisão.

O Avô Cantigas é inspirado nessa relação?

Não. No momento da criação do Avô Cantigas o meu avô já estava fora da equação. Embora, atenção, a figura do meu avô seja determinante para a minha formação como pessoa e tenha sido ele o responsável pelo primeiro contacto que eu tive com alguns instrumentos. Agora,

quando eu e o António Pinho criamos o Avô Cantigas que, por ser avô, era consensual uma família, transversal, que obviamente tinha de ser uma figura afetuosa, patusca, simpática e fomos assim criando a personagem...com o meu avô, como eu disse, já fora da equação.

Quando é que chega a Cascais?

Tinha 12 anos. Não sofri muito. Gostava daquele ambiente bucólico em que vivia. Os meus pais vieram trabalhar para a Quinta da Marinha e eu vivia naquele pinhal extenso e bonito, perto do mar. Mudou radicalmente a natureza que me rodeava mas continuava a ser muito verde, agora com o acréscimo do mar, aquela experiência nova para mim que também veio influenciar muito a minha pessoa. Se agora me visse sem o mar talvez sentisse mais a falta.

Como é que entra na música?

Acontece de forma natural. Imitava nomes como o António Calvário, Artur Garcia, Rui de Mascarenhas, Madalena Iglesias, Simone de Oliveira ou a Maria de Lurdes Resende. É bom recordar estes nomes porque fazem parte da minha cultura musical quando eu tinha cinco, seis anos. Eu gostava de os imitar. Digamos que aí mostrei que queria entrar nesse mundo. A ponto de começar a cantar nas festas de natal da Companhia de Papel do Prado, uma fábrica que ainda hoje existe na Lousã, onde o meu avô trabalhava. É daí que vem o meu nome artístico Vidal. É por parte do meu avô porque era assim que ele era conhecido. Tinha seis anos e foi a minha primeira aparição em palco, nessa altura longe de imaginar que a minha vida seria a música. Quando vim para aqui eu entrava em todas as atividades extracurriculares dos Salesianos do Estoril. Fazia teatro e entrei para o grupo musical. Também fazia parte dos escuteiros do Estoril onde aprendi a tocar guitarra. A música estava sempre presente. Tinha um amigo na escola que tinha uma viola. Era meu vizinho e lembro-me de fazer apostas com eles sobre resultados de futebol ou de outras modalidades. Nem me lembro o que fazíamos quando eu perdia, mas quando ganhava ele emprestava-me a guitarra durante a noite para eu levar para casa. É um pormenor engraçado. Esse amigo conhecia a Rita Ribeiro que, como nós, vivia na Parede. Ficámos amigos e eu acabei por desenvolver uma relação muito próxima com a mãe dela, a atriz Maria José. Ela tinha um companheiro ligado ao Rádio Clube Português e nas nossas tertúlias a música tomava conta das nossas vidas. Foi quando surgiu a oportunidade de mostrar uma cassete a uma editora discográfica que se estava a formar e que acabou por lançar o meu primeiro disco. É aí o início da minha carreira em 1973. Já lá vão 46 anos.

A primeira cassete era o quê?

Era uma canção de uma certa intervenção social porque era uma sátira e uma crítica à família institucional que prendia as meninas em casa. As mulheres estavam presas em casa, saíam acompanhadas pelo irmão e se fosse à noite era com regras muito bem definidas. A minha música fazia uma sátira. Não me enquadrava bem na canção de intervenção porque depois também cantava músicas românticas no tom do Paulo de Carvalho ou do Carlos Mendes que eram os meus ídolos da altura.

Que fizeram também música de intervenção.

Sim, muito. Eu nunca, embora tenha estado sempre ao lado deles. Tive estilos variados, fiz outras incursões. Passei pelo rock progressivo quando gravei o Chan-

gri La com uma música muito diferente dos meus dois primeiros singles que eram de música mais ligeira. Soltei ali outro músico para mostrar aquele que ainda hoje é um disco que desperta uma certa curiosidade. Depois disso, voltei a mudar e gravei um disco de música mesmo ligeira com a produção de um maestro que tinha um estilo bem definido ligado àquela música ligeira de grande qualidade. Era a noite e o dia em relação ao Changri La. Os primeiros nove anos de carreira foram muito transversais em estilos de música. Também gravei um pop rock, o Pensamento, que se distanciava muito de tudo o que tinha feito até aí. Não era rock puro e duro, era um pop rock moderno. Estamos a falar de singles em vinil. Um romântico que era Os Olhos Tristes e gravei depois umas coisas populares com arranjos modernos que funcionaram bem. Já depois desse pop rock mais europeu que foram as canções Ó Zé Bate o Pé gravei outra brincalhona do tipo Quim Barreiros. Chamava-se a Cantiga do Chouriço e teve um êxito assinalável.

Também usava as metáforas como o Quim Barreiros?

Não era jocosa. Contava a história de um chouriço que ia para a tropa. Passava por todas as patentes do exército mas acaba em general. Era uma brincadeira que se tivesse sido gravada pelo Quim Barreiros teria mais sucesso. Fui por aí pela versatilidade mas depois há uma altura, em 82, em que nasce o avô cantigas e eu nunca mais deixei de fazer música para crianças. Até hoje, 37 anos depois, que é a idade do avô cantigas.

Ele nasce em que mês?

Janeiro. Tem 37 anos e um mês. O que acontece é que nesta altura eu estou a terminar um disco do Carlos Alberto Vidal. Conto isto em primeira mão.

Conte-nos mais.

Deve estar pronto daqui a dois meses. É uma espécie de reencontro para as pessoas que acompanharam o meu trabalho antes do Avô Cantigas. Embora eu às vezes vá por alguns caminhos que não determinam seguir um estilo. Depois de um intervalo de 37 anos apareço bastante romântico. São 11 músicas, só duas ou três é que fogem do lado mais tranquilo que o álbum tem. É um álbum virado para o romantismo onde, tentando não ser banal, não consegui impedir-me de ser romântico. É tranquilo, às vezes até jazzístico. Vai chamar-se Ao Entardecer e fica bem precisamente nesse momento em que o dia acaba.

É difícil soltar-se do Avô Cantigas?

Não sei porque nunca tentei soltar-me. Não é um peso porque muitas das crianças que acompanham ou acompanharam o Avô Cantigas também cresceram e mantêm até hoje uma ligação sentimental a esta personagem. Mesmo os avós. É engraçado que há gerações que me viram a animar os filhos e continuam a ver-me agora com os netos. Acabo por estabelecer uma relação com todas as idades e essas pessoas quando ouvem as canções deixam tocar-se por elas. A prova também é a minha entrada naquela iniciativa da marcha d'A Voz do Operário. Foi o reconhecimento da relação que mantenho com as crianças e o reconhecimento musical que foi escrever a marcha há mais de 30 anos. É aí que aparece a ligação com A Voz do Operário. Foi a minha casa e continua a ser. Naquela altura houve uma empatia que nunca mais me deixou

desligar. Já fui padrinho várias vezes, já dei concertos, entre eles um no Rossio que foi memorável com centenas e centenas de pessoas e crianças a colaborar. Tive e continuo a ter o privilégio de voltar sempre ao salão d'A Voz para festas de natal ou de final de ano, mas há vezes em que vou só para confraternizar e ver os amigos que já têm décadas. É a casa dos amigos. É uma ligação sentimental que há de ficar para sempre no meu percurso.

E depois passado uns anos aparece com o Fantasmilha Brincalhão...

Foi talvez há 11, 12 anos. Acontece 20 anos depois do Avô Cantigas, numa altura em que eu já tinha tido outros fantasmilhas brincalhões pelo meio. Fiz o álbum as histórias do corpo humano que foi importante para as crianças, fim o planeta azul sobre o ambiente, fiz outro sobre segurança rodoviária... trabalhos que foram cimentando a carreira. Com o Fantasmilha ficou ainda mais cimentada porque o sucesso do projeto foi o maior de todos. Só comparável com o início do Avô Cantigas no Passeio dos Alegres com o Júlio Isidro. Agora estou a preparar um álbum novo que deve sair lá para o fim deste ano.

Que tipo de mensagem é que gosta de transmitir quando canta?

A mensagem que eu gosto de passar é muita alegria de viver e muitos pulos. É uma mensagem visual. Quando entro em palco sou eu que entro e o meu espetáculo corre sem grandes imprevistos mas quem está ali sou eu. Entro sempre com muita vivacidade para transmitir energia. É um culto muito próprio. Pratico atletismo com muito gosto e tenho mantido uma forma física que me permite fazer isto. Ainda hoje participo numa ou noutra prova e levo a coisa a sério. Ajuda-me a estar em palco como se tivesse 30 anos. A música também é muito viva. A mente não tem idade e eu continuo a ser moderno na orquestração de cada canção. Ao longo de 37 anos, o Avô é sempre moderno. A música é divertida. É um avô que gosta de se mexer e que gosta de dançar. Outra coisa que para mim é preciosa é quando falo com eles. Relaciono-me de uma forma muito viva e às vezes comporto-me como um líder. Aprendi que quando estamos num palco não nos devemos dirigir às pessoas como se estivéssemos num banco de jardim. É diferente. Apreendendo essa diferença consigo em cima do palco atuar de forma a criar uma interação. Não estou ali a inventar nem a vender banha da cobra e as crianças acabam por se entregar ao discurso. Mesmo os adultos voltam a ser crianças e a ser conduzidas por aquele avô que no fundo é o mesmo há 37 anos. O grande segredo é a comunicação. Se eu fosse antipático, carrancudo, pouco dado não pegava, não teria resistido tanto tempo como resistiu. Parece vaidade mas não é. O Avô Cantigas resiste porque na minha vida pessoal, quando me encontram no supermercado, não sou muito diferente do que levo para o palco.

O que significa para si ser homenageado pel'A Voz do Operário este ano?

Quero agradecer o reconhecimento d'A Voz do Operário. Para mim é um privilégio e valoriza a minha história de vida. Sou uma pessoa que não tem muito o hábito de receber atenções e ser sócio honorário d'A Voz é um reconhecimento especial. Se eu pudesse imaginar uma montra de troféus seria uma distinção para tornar a prateleira mais pesada.

TRANSPORTES



A aquisição de novos barcos é uma reivindicação dos utentes

Dez novos barcos no Tejo a conta-gotas

O concurso para aquisição e manutenção de dez novos navios para a Transtejo, num contrato de 16 anos e de cerca de 90 milhões de euros, foi publicado em Diário da República, de acordo com o *AbrilAbril*.

Segundo o site de notícias, em causa está um investimento de 89,9 milhões de euros, sendo cerca de 57 milhões de euros disponibilizados para a aquisição dos

barcos e os restantes 33 milhões para a manutenção.

O plano de renovação da frota da Transtejo, que inclui a compra de dez novos barcos, foi aprovado no dia 10 de janeiro em Conselho de Ministros, onde ficou definido que o primeiro catamarã deve entrar em circulação a partir do final do próximo ano, quatro serão só entregues em 2021, seguindo-se dois por cada ano, até 2024.

FUTEBOL

Cova da Piedade desafia SAD

Os sócios do clube que joga atualmente na II Liga aprovaram em assembleia-geral extraordinária a criação de uma comissão para exigir da SAD o pagamento da dívida que tem com o clube e que ascende a 190 mil euros. Deste valor, 120 mil euros são referentes à transmissão dos direitos desportivos da equipa principal para a SAD, em 2016, e o restante engloba cerca de seis meses de atraso no pagamento de rendas de utilização das instalações e outros valores estipulados nos contratos assinados.

De acordo com *A Bola*, a comissão ficou mandatada para tentar desbloquear a situação junto da SAD. Conforme a proposta aprovada pelos cerca de 50 sócios, caso não se chegue a um entendimento, a direção do clube terá “plenos poderes para usar todos os meios ao seu dispor, incluindo o recurso aos tribunais, para fazer valer os direitos do clube nos acordos assinados” e “impedir à SAD o acesso a equipamentos, instalações e símbolos do clube enquanto se mantiverem os incumprimentos”.



...é possível fazer casas mais baratas? e para um maior número?

É.

Se para tanto houver vontade política, convergência de esforços e se forem eliminados parasitas.

Na verdade, as casas são objetos caros porque o seu custo é uma soma de parcelas, umas de ordem construtiva, outras de ordem financeira, umas são compressíveis, outras não e há as que se podem eliminar.

A primeira parcela diz respeito ao preço do terreno e aí anda o mercado à solta, mas convém lembrar que os municípios são detentores de instrumentos de intervenção nesse campo pois, através das características numéricas determinadas nos seus instrumentos de planeamento (densidades, índices de ocupação e de construção, cércias, proteção de vistas e muitas outras), podem condicionar o valor das transações.

(um experiente “pato bravo” de Lisboa dizia que “um terreno vale o que se pode pôr em cima” e, infelizmente, são ainda raros os autarcas que resistem à miragem de ver os seus concelhos cheios de altos prédios chegados uns aos outros ou sonham “colmatar os vazios urbanos e compactar” as suas cidades).

A segunda parcela diz respeito aos custos da construção e aí convém anotar que uma casa é um artefacto caro pois se qualquer outro bem pode ser produzido num lugar e usado ou consumido noutro, um prédio tem fundações, no verdadeiro sentido da palavra, e fica preso a um sítio para onde, durante a sua construção, convergem milhares, se não milhões, de peças que aí reunidas são e formam um todo estruturado, isto é, em que cada uma dessas peças tem uma relação coerente com todas as outras uma esclarecedora demonstração:

a montagem de uma simples janela implica a assemblagem de mais de 100 peças – aros, folhas, dobradiças, fiéis das dobradiças, parafusos, lâminas dos estores, vidros, bites, caixa de estores, cremones, puxadores, fitas dos estores, molas...e tudo isto exige trabalho *in situ*, em condições que exigem esforço, saber e segurança.

não é de estranhar, pois, que se estime em cerca de 30% o valor da mão de obra incorporada na construção de uma casa

percentagem que, face à louvável e crescente valorização do trabalho, dificilmente será compressível.

Acrescente-se que as tentativas de redução do custo da construção através da industrialização pesada, da pré-fabricação, da maior racionalidade no projeto e nos métodos ou no controlo dos desperdícios, do uso de novos materiais, muito embora tenham contribuído para a resolução do problema não alcançaram ainda relevância significativa.

Finalmente, os custos financeiros e o parasitismo:

diz quem sabe que, quando ao fim de 30 anos a pagar um empréstimo, quando já podem dizer que a casa é sua, um casal, ao contrário do conhecido anúncio, ficou com uma e pagou três, tais foram as alcavalas que teve de satisfazer, chamassem-se elas taxas, juros, impostos, seguros, avaliações, comissões, licenças e tudo o mais que entidades públicas ou privadas fazem depositar, com assustadora frequência, na caixa do correio dos desgraçados.

Aí sim talvez haja lugar a uma real compressão de custos e aí, sem dúvida, a banca estatal deverá ter papel decisivo.

Francisco da Silva Dias

SOCIEDADE

Cova da Moura: “Este não é o julgamento da PSP”



Bairro da Cova da Moura

Sofia Riachos

Acusados de mentir, sequestrar, torturar, insultar e espancar seis jovens da Cova da Moura, os 17 polícias que falsificaram os autos de notícia e em tribunal mantêm a versão quer da invasão à esquadra de Alfragide, quer que o apedrejamento de uma carrinha da PSP esteve na origem da detenção do *rapper* Bruno Lopes, confiam na absolvição. Três anos e 90 testemunhas depois, o Tribunal de Sintra marcou a leitura da sentença para 30 de abril. Nas alegações finais, o Ministério Público deixou cair as imputações mais graves. O procurador Manuel das Dores manteve a acusação de ofensas à integridade física, injúrias e falsificação de documentos contra nove dos 17 arguidos, entre os quais o chefe da esquadra. Nem o sangue, nem os rela-

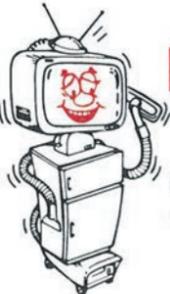
tórios médicos que comprovam traumatismos cranianos, hematomas, escoriações e contusões convencem o magistrado. Deixou cair o crime de tortura porque, defende, “é preciso um sofrimento maior”. Citou convenções internacionais para dizer que, do seu ponto de vista, nenhum dos episódios relatados de viva voz pelas vítimas representou sofrimento atroz. “Não estamos na presença de um tal grau de severidade. Era preciso que os indivíduos estivessem mais suportados nas lesões que apresentam”, justificou referindo-se ao caso de Rui Moniz, que com o braço direito paralisado devido a um AVC, para sua perplexidade, deu entrada no hospital, apenas, com uma luxação na coluna. Manuel das Dores deitou por terra outro ponto da investigação, sem precedentes no país do DIAP da Amadora que, em parceria com a Unidade Nacional de Contra Terrorismo da Polícia Judiciária concluiu que os polícias foram

movidos por ódio e racismo. Pôs em causa a credibilidade das vítimas. Injúrias como “a raça africana tem de desaparecer”, “vai para a tua terra”, “se eu mandasse eram todos esterilizados” ou “era preciso um Salazar”, não agravam, no entender do procurador, nenhum dos crimes imputados aos arguidos. Nem o crime de sequestro, nos moldes em que foi apresentado pela investigação e desmontado por 20 testemunhas, resistiu intacto ao último pronunciamento do MP. Apesar de dar como provada que a detenção de Bruno Lopes, no bairro da Cova da Moura, foi ilegal, acredita que os acontecimentos que se registaram na esquadra, onde as vítimas ficaram detidas “de cara no chão” durante 48 horas não são claros.

Admite que os jovens que se dirigiram à esquadra para saber do amigo “iam indignados com o que aconteceu, principalmente com os disparos feitos contra pessoas do bairro” e, embora admita que os polícias mentiram quando descreveram a aproximação de um grupo de mais de 20 com pedras na mão, sustenta que a “atitude hostil” pode ter precipitado o que a advogada das vítimas descreve como “tratamentos desumanos, vexatórios, racistas e ilegais”. Pede a condenação dos agentes da PSP por todos os crimes de que estão acusados num “sinal sério e inequívoco de intolerância de práticas semelhantes no seio de instituições cuja missão as obriga a ser defensores da legalidade e dos direitos de todos os cidadãos”. O MP diz que “este não é um julgamento da PSP nem da esquadra de Alfragide e este procurador não faz leituras políticas nem sociológicas do que aconteceu”, para regozijo da defesa dos polícias que elogia o magistrado por ter dado o benefício da dúvida aos arguidos e pelo superintendente chefe do Comando da PSP de Lisboa que, “sem comentários” assistiu à última sessão das alegações finais. Presidido por Ester Pacheco, o coletivo de juízes pronuncia-se no último dia de abril. Vítimas e arguidos podem recorrer. Em última instância o caso pode chegar ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos caso os envolvidos não concordem com a decisão das instâncias que podem seguir-se, nomeadamente o Tribunal da Relação, o Supremo Tribunal de Justiça e o Tribunal Constitucional. Tudo aconteceu a 5 de fevereiro de 2015, quando um jovem foi abordado durante um ronda policial. “Tás-te a rir de quê, macaco?”. Detido e agredido num episódio, onde três mulheres foram feridas por disparos de bala de borracha, não teve direito à intervenção dos elementos da Associação Moinho da Juventude, distinguida na Assembleia da República pelo combate ao racismo. Foram à esquadra para tentar mediar e esclarecer a detenção e acabaram, dizem, numa cena de barbárie.

PUBLICIDADE

RESTAURANTE - CERVEJARIA
A MOURISCA
Martins, Barros & Cunha, Lda
NIF 500 612 781
FUNDADA EM 1975
ENCERRAMOS À TERÇA-FEIRA
Largo da Graça, 84 - 85 - Trav. das Mónicas, 18 a 28 - 1170-165 LISBOA
21 886 36 88 • cervejariaeamourisca@gmail.com

**FRISANTOS**
ELECTRODOMÉSTICOS TV VÍDEO HI-FI
• VAILLANT • GORENGE • BALAY • LG
• ZANUSSI • ORIMA • BOSCH • PHILIPS
• SONY • ARISTON • SAMSUNG • JUNEX
• VULCANO • SIEMENS • WHIRLPOOL
Rua da Graça, 34-36 • 1170-170 LISBOA • Tel.: 21 887 28 36
E-mail: frisantos@frisantos.mail.pt

**Botequim**
Hugo Miguel Costa
965 563 649
218 888 511
Largo da Graça, N°79/80 | 1170 Lisboa

SOCIEDADE



MDM convoca manifestação de mulheres para 9 de março

Em luta pela igualdade e justiça social

No próximo dia 8 de março, o Dia Internacional da Mulher vai ser assinalado em todo o mundo. Em Portugal, o Movimento Democrático de Mulheres convocou uma manifestação nacional para o dia 9, em Lisboa, onde são esperadas milhares de pessoas que reivindicam igualdade e justiça social. O protesto começa às 14h30, nos Restauradores, e a organização convida todas as mulheres que “vivem, trabalham ou estudam nos vários distritos do país a participar”.

O Dia Internacional da Mulher foi comemorado pela primeira vez em 1911 tendo reunido milhares de mulheres na Alemanha, Suíça, Áustria, Dinamarca, Suécia e Estados Unidos da América. Um ano antes, Clara Zetkin, revolucionária alemã e defensora da causa das mulheres, propôs a celebração do dia numa conferência internacional realizada em Copenhaga. Ao propôr o dia, recordou a luta das sufragistas pelo direito ao voto

e das operárias têxteis pela redução da jornada laboral e por condições dignas. A luta emancipadora das mulheres trabalhadoras e pelo direito ao voto era, então, o principal objetivo da celebração.

De acordo com a CGTP, as mulheres são as mais afetadas pela precariedade. Mais de 66%, nas jovens até aos 25 anos e pelo desemprego (7,4%). No salário mínimo nacional, a percentagem chega aos 27% e na discriminação salarial aos 16%. Em Portugal, 915 mil mulheres trabalham ao sábado em horários de trabalho longos e desregulamentados. São também vítimas de doenças profissionais, sobretudo, lesões músculo-esqueléticas, de assédio e são ainda penalizadas pela maternidade.

A igualdade entre mulheres e homens ainda está por efetivar, 108 anos depois da primeira comemoração do Dia Internacional da Mulher.

Transportes públicos



Comboios versus Autocarros

Era princípio consensual entre aqueles que se debruçam sobre as questões da mobilidade, que os transportes pesados, entre eles os caminhos de ferro, são vocacionados para a ligação dos polos urbanos, a chamada malha larga, cabendo aos transportes ligeiros o serviço na chamada malha fina.

As interfaces eram elementos importantes neste sistema de complementaridade entre os diferentes modos de transportes.

Talvez por força de uma qualquer moda contra a corrente ambiental, aparece a público uma nova ideia para dar resposta aos problemas da mobilidade, no eixo Lisboa-Cascais: a construção de um corredor bus na autoestrada que liga aquelas localidades, a A5.

Ninguém disse que era para substituir a linha de caminho de ferro entre Cais do Sodré e Cascais, mas como nada se faz para reabilitar aquela infraestrutura e adquirir o material circulante para substituir o que faz atualmente o serviço, o tempo acabará por cumprir os objetivos dos que não a vêm viva, mas mal enterrada.

Já fizemos nesta coluna a comparação com o metro ligeiro, pelo que, por facilidade, vamos comparar a oferta dos dois modos de transporte agora em presença, seguindo o mesmo tipo de exemplo.

Começamos por referir que num trajeto do tipo do anunciado não concebemos que, por razões de segurança, haja pessoas de pé como se de um transporte urbano se tratasse, o que implicará um número mais reduzido de passageiros por metro quadrado.

Assim, e admitindo que se trata de um tipo de autocarro especial, admitamos a lotação de 100 pessoas, o que comparando com um comboio que pode transportar 1344 passageiros, consideremos que corresponde a 13 autocarros.

Apesar dos cortes na oferta que a degradação contínua dos comboios sofre, fazem-se na hora de ponta 10 comboios por hora.

Facilmente se conclui que teriam de chegar 130 autocarros por hora para uma oferta do mesmo tipo, ou seja, um autocarro a cada 28 segundos.

Em termos ambientais, para quem tanto defende os modos menos poluentes nem é preciso argumentar.

Mesmo que digam que se manterão as duas porque a linha de Cascais irá ser reabilitada, há outra comparação a fazer. A dos custos de investimentos a fazer em cada opção, mas fica para outro momento.

Rego Mendes

PUBLICIDADE

DESENTUPIAMENTOS

- Desentupimentos Mecanizados
- Canalização
- Reparação e Montagem de estores
- Portas e Fechaduras
- Eletricistas
- Remodelações

**Preços
Imbatíveis
ORÇAMENTOS
GRÁTIS**

**PIQUETE DE
URGÊNCIA
24 HORAS AO
SEU DISPOR**

211513534 - 962710631-916764313

Rua Angelina Vidal nº 28 Lisboa

JORNALISMO

Para não dizerem que falei só da Venezuela

O jornalismo é feito por pessoas com opiniões e posições sobre a vida. Exige-se que ele seja livre e respeite as regras da profissão para não fazerem dele a voz dos poderosos.

Nuno Ramos de Almeida
Jornalista

Começamos por uma história para discutirmos a independência do jornalismo. O escritor basco Joseba Sarrionandia, o único que conheço que fugiu da cadeia dentro das colunas de uma aparelhagem de um concerto, manteve um diário na cadeia em que escrevia algumas reflexões ao longo dos dias que passavam.

Napoleão Bonaparte esteve recluso na ilha de Elba desde que abdicou em Fontainebleau em Abril de 1814 até que na Primavera de 1815 se juntou ao seu exército e decidiu voltar a Paris.

Os títulos do diário parisiense *Moniteur Universel* durante todo aquele mês de Março são assombrosos, pois oferecem um testemunho sem igual do avanço do ex-imperador:

9 de Março: "O monstro escapou ao seu desterro".

10 de Março: "O ogre corso desembarcou no cabo Jean".

11 de Março: "O tigre sangrento apareceu na zona de Gap. Para aí se dirigem os exércitos para terminar com o seu avanço".

12 de Março: "O monstro chegou à cidade de Grenoble".

13 de Março: "O tirano está agora entre a cidade de Grenoble e Lyon".

18 de Março: "O usurpador ousou chegar até a um lugar a 60 horas de marcha da capital".

19 de Março: "Bonaparte aproxima-se em passo veloz, mas é impossível que entre em Paris".

20 de Março: "Napoleão chegará amanhã às muralhas de Paris".

21 de Março: "O Imperador Napoleão está em Fontainebleau".

22 de Março: "Ontem pela tarde sua Majestade o Impera-

dor fez a sua entrada pública no seu palácio. Nada pode superar este regozijo universal".

O diário de Sarrionandia não revela se o director do afortunado diário foi fuzilado ou condecorado. Durante muito tempo aqueles que escreviam só podiam opinar nas entrelinhas. Isso acontecia com a informação, como qualquer outra actividade humana. O pintor espanhol Goya era obrigado a retratar, como todos os seus pares, os poderosos mas conseguia inscrever um olhar crítico no espaço confinado de uma arte oficial. A sua forma de expressar a degenerescência moral da nobreza, encontrava-se mais na forma como apareciam as faces destes, e a loucura que exibiam nos olhos, do que na expressão de uma temática livre, num tempo em que isso era praticamente impossível. A historieta que Sarrionandia copia é obviamente um caso limite, em que a independência do jornalismo é condicionada pela ponta das baionetas de turno. O autor das notícias não é "independente" porque não é livre. Provavelmente fará com o mesmo empenho as notícias favoráveis a Bonaparte, como fez as do anterior senhor que ocupava o trono no palácio.

Os jornalistas podem e devem ser livres, mas é preciso perceber que não são nunca independentes dos seus preconceitos e da sua forma de ver a vida.

Num conhecido estudo do antropólogo Claude Lévi-Strauss, fala-se de uma aldeia em que os habitantes a desenhavam de uma maneira diferente conforme a posição social que têm, que implica viver numa parte diferente da aldeia. Não há nenhuma maneira de os habitantes dessa aldeia conseguirem ter a mesma imagem do seu espaço, porque ele é descrito a partir daquele acontecimento traumático que os divide socialmente.

O facto de os jornalistas terem opiniões diferentes, por necessariamente terem vidas diversas, não os pode impedir de batalharem por fazer um jornalismo bem feito: o que significa que têm de seguir um método que lhes permita



Os fuzilamentos de 3 de maio, de Francisco de Goya

separar juízos de valor de juízos de facto, tentar compreender e ouvir as diversas partes que intervêm numa determinada situação. A prática profissional exige inteligência, honestidade e vontade de perceber os outros.

O efeito de manada que se assiste no pseudo-jornalismo dos grandes acontecimentos mundiais faz lembrar uma história contada no livro *O Enviado Especial*, de Evelyn Waugh, sobre um grande repórter que é enviado para cobrir um conflito nos Balcãs. Na época, as deslocções eram feitas de comboio. O admirável jornalista adormece e sai na estação errada, o que no meio da confusão da região significa que desembarcou na capital de uma outra república. Já que lá está começa a enviar telexes sobre uma crise, um conflito que se vai transformar numa guerra civil. Perante a publicação destas notícias, outros jornais mandam jornalistas. Ao entrarem no país não vêem nada disso, mas como o grande repórter continuava a enviar textos sobre a guerra civil que avançava, para não perderem perante a concorrência, fazem o mesmo e enviam um conjunto de notícias cada vez mais graves. Perante as peças dos jornais, a bolsa despenha-se, o governo desse país demite-se e o país entra finalmente em guerra civil. Como vêem, a ficção é uma pálida imitação da realidade que assistimos hoje.

PUBLICIDADE

**RESTAURANTE
E
CERVEJARIA
O PARDIEIRO**

• A SUA PRESENÇA HONRA-NOS •
• ESPERAMOS POR SI •

Largo da Graça, 36 • 1170-165 LISBOA
Telefone: 21 886 3486

TALHO

TELEFONES
21 888 56 01
96 900 03 78

RUA DA GRAÇA, 72-C 1170-170 LISBOA

PADARIA
Carvalho E. Martins

218 865 667

Rua Senhora da Glória, 88/96 1170-354 LISBOA

ECONOMIA



Montepio volta a pagar gestão danosa de Tomás Correia

Oposição exige saída de Tomás Correia

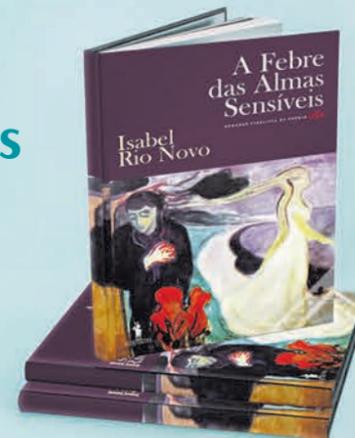
Depois das coimas de cerca de 1,25 milhões de euros aplicadas pelo Banco de Portugal ao atual presidente da Associação Mutualista Montepio e a outros gestores, o alerta foi dado pelo economista Eugénio Rosa. “Na Assembleia Geral da Caixa Económica, em que Tomás Correia era o único representante do acionista que é a Associação Mutualista, realizada em 16 de março de 2018, foi aprovado o pagamento pelo Banco Montepio de todos os custos que podiam ter os atuais ou antigos administradores com processos resultantes da sua atividade na Caixa Económica que decorressem de decisões de entidades oficiais”.

De acordo com António Godinho, empresário que encabeçou a lista que ficou atrás de Tomás Correia nas eleições de dezembro, o atual presidente da mutualista devia sair. Em declarações à *Agência Lusa*,

afirmou que “era a forma de repor a legitimidade, de repor a confiança, em defesa da instituição, dos associados e dos trabalhadores”. O empresário considerou que esta condenação vem alterar os pressupostos de Tomás Correia quando se recandidatou, uma vez que o fez dizendo que “tinha a certeza de que não seria condenado e que tinha toda legitimidade ética para se candidatar”. “Hoje sabemos que não é assim”, venceu Godinho, que defendeu que haja uma “posição do governo, das entidades oficiais, sobre o tema” para afastar Tomás Correia.

Fernando Ribeiro Mendes, que pertenceu à administração de Tomás Correia, de quem se afastou e concorreu nas eleições de dezembro, defendeu eleições internas, para reforçar a confiança numa entidade com 600 mil associados e que geria no final de 2018 um ativo de cerca de 3,8 mil milhões de euros.

A VOZ dos livros



A Febre das Almas Sensíveis, de Isabel Rio Novo - Edição D.Quixote

A peste negra, a bubónica, a gripe que em 1918 veio de Espanha, trazida pelos ventos aziagos que, diz-se, do país vizinho vêm, epidemia que devastou em Portugal mais de 60 mil almas, eram males cíclicos, ligados sobretudo aos *focos de infecção*, como escreveu Cesário, que corriam a céu aberto pelas ruas das nossas cidades e vilas.

A humidade das casas, a ausência de hábitos de higiene, a fome e a miséria estão na origem de grande parte destas maleitas. A tuberculose, doença detectada no século XVIII, tendo a sua incidência mais devastadora nos finais do século XIX e na primeira metade do séc. XX, coincide com os alvares do romantismo, arrastando no seu caudal de bacilos, febres e temores um vasto número de autores do movimento, prosadores e poetas, entre os quais Walt Whitman, as irmãs Brontë, Anton Tchekov, Balzac e, entre nós, Cesário Verde, António Nobre, Júlio Diniz, Soares de Passos, José Duro e outros.

Doença «dos poetas» a designaram, não só por coexistir com esse período estético/filosófico, essa romântica atracção de abismo, de paixões extremas, quase irracionais, que só o túmulo mitigava; “as dores da alma” que Freud transmudaria em males da psique, mas igualmente pelos seus sintomas bacteriológicos, que de poético nada tinham mas que envolviam o mórbido do universo romântico: a febre, o cansaço, o definhamento físico.

Doença de gente frágil, com pulmões fracos, dir-se-ia democrática dado que a ela sucumbiram homens e mulheres de todas as origens sociais, embora os pobres a sofressem de modo mais grave e demoradamente, a tuberculose foi estigmatizada, tal como a Sida e o cancro o são nos nossos dias, embora por razões diversas.

A Febre das Almas Sensíveis, romance de Isabel Rio Novo diz-nos dessas maleitas do peito com raro apuro narrativo, inventariando a luz e a sombra, os saudáveis e os enfermos, os constrangimentos sociais e os estigmas da doença, as complexas relações da família disfuncional de Armando, também ela imbuída de alguns traços do decadentismo romântico.

O romance de Isabel Rio Novo, descrito em dois planos discursivos que se interpenetram, a voz que narra e uma voz outra que inventaria o tempo salazarento, um tempo sem futuro onde a esperança chegava sempre tarde, do qual só restam, no Caramulo e em Penacova, monumentais ruínas.

Rio Novo dá-nos um romance de alerta e de memórias, que habita habilmente o nosso tempo também ele portador de maleitas e de esconjuros. Um romance que traz para a modernidade o espectro da finitude.

Domingos Lobo

PUBLICIDADE

Pastelaria • Fabrico Próprio

SAGA

Desde 2016



**Antiga Agência Funerária
Domingos & Diniz**
Gerência de João Natividade

**Descontos de 15%
para sócios de *A Voz do Operário***

Rua de Sta. Marinha, n.º4, 1100-491 Lisboa
Rua de S. Vicente, n.º34, 1100-574 Lisboa
T. 218 861 649 F. 218 875 213 TM. 919 311 363

MÚSICA



Músico João Aguardela

Fazes falta, Aguardela

Mitó Mendes

Vocalista de A Naifa e Señoritas

João Aguardela, músico, teria feito 50 anos no passado dia 2 de fevereiro, se um cancro não o tivesse roubado demasiado cedo à nossa companhia. Conheci-o na televisão. No início dos anos 90, as bandas portuguesas tocavam ao vivo na televisão e eu lembro-me de ter visto os Sitiados, a sua banda, a ‘escangalhar’ o estúdio de um lado para o outro a tocar a “Vida de Marinheiro”. A

Sandra, de acordeão ao peito, ele com os seus longos cabelos, lindo, cantava energicamente. Segui-os nos anos seguintes por esse país fora, em muitos palcos, sedenta daquela energia nova que contagiava a música portuguesa. De repente, já não era vergonha gostar de fado, gostar de folclore, ali estavam eles a trazer multidões a vibrar com a nossa música tradicional, bastando tocá-la com aquela atitude tão deles. Nessas andanças, o destino levou-os à A Voz do Operário por duas vezes. Na gravação do vídeoclipe da canção “Outro Parvo no Meu Lugar”, parcialmente gravada no Salão, e ainda numa

outra actuação dos Sitiados. Mais tarde, o João fartou-se das multidões e de não poder andar na rua sem ser reconhecido, coisa que nunca o moveu, e entrou com o mesmo amor que tinha à música portuguesa no universo ainda tão desconhecido da música experimental. Nasceu o projeto Megafone, que mais uma vez desarranjava recolhas tradicionais, suas ou do Giacometti, para nos devolver aquele trabalho de mistura, tão nosso e tão atual, muito pouco compreendido para a época. Conheci-o pessoalmente nessa fase, quando me juntei a ele e ao Luis Varatojo para gravarmos o primeiro disco da Naifa. Foi aí que conheci o homem por trás das carismáticas actuações ao vivo. Efectivamente, carisma não lhe faltava, em cada gesto quotidiano. O João acreditava em tudo o que fazia, era dono de uma fé inabalável no património cultural, e de como este poderia ser mexido e remexido, usado para qualquer demonstração cultural. Irritava-se com quem queria fechar a cultura numa redoma, separando-a da vida, das pessoas. Gostava particularmente, e isso ficou bem visível no trabalho da Naifa, de pegar em várias estéticas e misturá-las: o primeiro disco tinha na capa uma pintura de Amadeu de Souza Cardoso, todas as letras eram de jovens poetas portugueses, e a música ousava de tudo, desde o uso de uma pedalagem na guitarra portuguesa à bateria a marcar ritmos folclóricos, ao mesmo tempo que se visitava o grunge ou o punk nas suas tão características linhas de baixo. Dono de um irónico sentido de humor, ainda enganou a banda toda no último álbum que gravou. Escreveu todas as letras sob o pseudónimo da sua avó paterna, entregou-as à banda, e disse que eram de uma rapariga que vivia fora do país. Só descobrimos que eram de sua autoria depois de falecer. O João não era de meias medidas. Ou amava ou odiava. Ou era amigo ou inimigo. Viveu sempre para as suas convicções e acima de tudo, para a música e para a cultura popular. Todas as homenagens que lhe forem feitas serão poucas, para o tanto que nos deixou, e pelas portas que abriu ao trabalho e à criatividade dos artistas mais novos. Faz-me falta todos os dias o João. Faz falta ao país o João.

Sugestões culturais:

A Banca ao Serviço do Povo”: Política e Economia Durante o PREC (1974-75)



De Ricardo Noronha. “Por que razão uma medida que não constava do Programa do Movimento das Forças Armadas e assumia implicações tão consideráveis obteve um apoio suficientemente alargado para ser inscrita na Constituição da República enquanto uma conquista irreversível da classe trabalhadora?” Eis a interrogação que dá mote a esta obra de investigação em torno da nacionalização da banca e do contexto social e político em que decorreu.

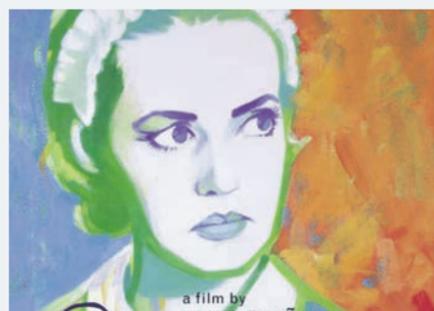
Tio Vânia, Primeiros Sintomas,
CAL - Centro de Artes de Lisboa



A estreia dos Primeiros Sintomas no seu Centro de Artes de Lisboa é marcada pelo regresso de Luís Miguel Cintra aos palcos. Uma peça de Tchekov, de 1867, que imagina o futuro 100 anos depois, através da solidão, desespero e conflito das personagens. Não há nada para fazer, mas “é preciso fazer as coisas”.

Remakes

Casa da Achada – Centro Mário Dionísio



“Desde sempre houve realizadores com vontade de pegar numa história já contada por outro e filmá-la de outra maneira. São inúmeros os remakes feitos ao longo de mais de um século. Para este ciclo, foram escolhidos doze. Durante três meses, cruzam-se histórias muito diferentes umas das outras, recontadas por cineastas como Claude Chabrol, Shôhei Imamura, Alfred Hitchcock, Fritz Lang, Luis Buñuel, Billy Wilder, entre outros.”

Entre Dinossáurios

Museu de História Natural



O que são fósseis? Que processos levam à sua formação e que diferentes tipos existem? Onde se encontram? A exposição apresenta trabalhos de escavação, de preparação laboratorial e de identificação de fósseis de Allosaurus, achados na jazida de Andrés (Pombal), que permitem perceber como era o ecossistema nesse local há 150 milhões de anos.

AMÉRICA LATINA



A escultura Mão, segundo o autor Oscar Niemeyer, representa o suor, sangue e pobreza que marcam a história da América Latina

América Latina: um continente na encruzilhada

Há 20 anos, a eleição de Hugo Chávez na Venezuela deu início a uma era de avanços sociais em toda a América Latina: milhões saíram da pobreza e receberam educação, saúde e habitação, em processos de emancipação social e econômica. A virada conservadora em países como o Brasil, Argentina e Colômbia, e uma potencial intervenção na Venezuela, podem vir a pôr estes avanços em risco.

Raquel Ribeiro

Jornalista, Investigadora da Universidade de Edimburgo, membro do Cuba Research Forum (Reino Unido)

Uma eventual intervenção militar na Venezuela, ou a potencial queda do governo chavista de Nicolás Maduro, poderão significar o fim de uma era de progressos sociais e de desenvolvimento humano sem precedentes na América Latina, desde o fim da Guerra Fria.

Essa mudança, a que especialistas chamaram de “onda rosa” (*pink tide*), engoliu o continente com a eleição de Hugo Chávez nas presidenciais na Venezuela, em 1998. Como na velha teoria do dominó de Truman, mas agora no re-

verso dessa medalha, à vitória de Chávez seguiram-se várias viradas, mais ou menos vermelhas, para governos democráticos e progressistas de esquerda por todo o continente: Lula da Silva e Dilma Rousseff, no Brasil (2002-2018, mandato impugnado em 2016); Evo Morales na Bolívia (2006-presente); Nestor Kirchner e Cristina Kirchner na Argentina (2003-2015); Tabaré Vazquez e José Mujica no Uruguai (2005-presente), Daniel Ortega na Nicarágua (2006-presente); Ricardo Lagos e Michelle Bachelet no Chile (2000-2010 e 2014-2018); Rafael Correa no Equador (2007-2017), Mauricio Funes e Salvador Sánchez Cerén em El Salvador (2009-presente) e Nicanor Duarte e Fernando Lugo no Paraguai (2003-2012).

Esta viragem não foi coincidência:

cada um à sua maneira, estes líderes perceberam que a nova ordem neo-liberal imposta pelas regras da Escola de Chicago e a sua “doutrina de choque”, pela dupla Reagan/Thatcher na década de 80 – e a famosa sentença “não há alternativa” à globalização –, de dismantelamento dos Estados em favor do mercado livre, na transição e nas amnistias das várias ditaduras militares para democracias liberais nos anos 80 e 90, sempre sob a esfera política e influência econômica de Washington e do sistema global de capitalismo financeiro, não trouxeram mudanças significativas na distribuição da prosperidade num continente rico e dependente da exploração de recursos naturais.

Apesar de inúmeras tentativas, durante o século XX, de implementação de

regimes progressistas na América Latina que fossem duradouros (quer democraticamente, quer evitando intervenções norte-americanas), a verdade é que para milhões de latino-americanos, sobretudo pobres, índios, negros, crianças e mulheres, só no início do século XXI, e na sequência da Revolução Bolivariana na Venezuela iniciada por Chávez, houve um verdadeiro processo de emancipação e descolonização.

Números que impressionam

Numa entrevista à revista inglesa marxista *New Left Review* em 2012, Rafael Correa fazia o balanço do seu primeiro mandato explicando como um país como o Equador, não tendo a dimensão ou recursos de outros gigantes, como o Brasil, Venezuela, Colômbia ou Argentina, teria de adoptar uma “mudança rápida e radical das estruturas existentes na sociedade, de forma a transformar o estado burguês num estado profundamente popular”. Tal como os países mais poderosos, também o Equador tinha sucumbido nos anos 80 e 90 ao poder das elites tecnocratas educadas em universidades europeias e norte-americanas. Estas traziam as doutrinas de Washington e impunham-nas em estados que se tornavam dependentes de empréstimos onerosos com o FMI e o Banco Mundial (BM), forçados a um modelo económico que não acompanhava o desenvolvimento humano, à mercê da competição, do mercado livre e das oscilações monetárias, dependentes da dolarização da economia e sem soberania financeira. “Se a América Latina é uma das regiões mais desiguais do mundo, os países andinos são a parte mais desigual dessa região. (...) De que livre competição estavam a falar? Aquilo era um massacre”, conta. Correa tomou quatro medidas-chave: adoptou um sistema de impostos sobre os mais ricos usando a colecta para beneficiar os mais pobres em programas de educação e saúde, tornando-os gratuitos e universais; regularizou o mercado interno, deixando o mercado livre funcionar, mas garantindo a distribuição subsidiada de bens básicos para a população; redistribuiu dividendos do petróleo e renegociou contratos com companhias internacionais; e subiu o salário mínimo. “Neste país, se alguém propõe subir o salário mínimo uns dólares é chamado de demagogo ou populista, mas nunca ninguém se surpreendeu com as taxas de juro a 24 ou 45%”, defendeu.

As medidas de Correa não diferem das *misiones* de Chávez ou das *bolsas* de Lula para retirar milhões da pobreza. O Equador, normalmente um país esquecido na lista dos grandes latino-americanos, pode servir como exemplo para as mudanças continentais nas últimas décadas. Os dados são do insuspeito Banco Mundial e

mostram o salto qualitativo entre 1990 e a década de 2000. População que vive com 1.90\$/dia: 17.6% (1990), 3.6% (2017); índice de riqueza partilhada pelos mais pobres: subiu de 3% para 4.7%; esperança média de vida: 69 anos (1990), 76 (2017). Nascimentos acompanhados de médico: 61% (1990), 97% (2017). Mortalidade infantil/mil nascimentos: de 54% para 15%; índice de crescimento de acesso ao ensino secundário: 58% (1990) para 107% (2017).

Quando Evo Morales foi eleito presidente da Bolívia, em 2006, este era o país mais pobre da América Latina, com a maior taxa de analfabetismo do continente (16%) e, no entanto, dos mais ricos em recursos naturais e dependente de exportações de gás, sem benefícios visíveis para a maioria da população. Em 2009, com o apoio das missões de alfabetização cubanas, a UNESCO declarou a Bolívia

“Em 2009, [...] a UNESCO declarou a Bolívia território livre de analfabetismo”

território livre de analfabetismo. Com o apoio de Cuba e da Venezuela, milhares de bolivianos receberam gratuitamente atenção médica e educação secundária e superior. Os dados do BM para a Bolívia nos últimos 20 anos são surpreendentes: nascimentos acompanhados de médico: 42% (1990), 90% (2017); mortalidade infantil/mil nascimentos: 124 crianças (1990) e 35 (2017); crianças vacinadas: 53% (1990) e 83% (2017). Em 2014, o governo abriu 20 hospitais e os cuidados médicos básicos estão agora garantidos a toda a população até aos 25 anos. O sistema médico boliviano, à semelhança do cubano, harmoniza ensino e prática da

medicina ocidental com medicina e práticas tradicionais indígenas.

Os governos de Chávez, Morales e de Lula também tiveram um impacto significativo nas populações indígenas. As revisões constitucionais (na Venezuela e na Bolívia) contemplaram as comunidades indígenas, reconhecendo-lhes estatutos jurídicos e de cidadania, demarcações territoriais (Venezuela e Brasil), introduzindo as suas línguas em documentos oficiais (Bolívia), instituindo bolsas de acesso ao ensino secundário e superior (Bolívia). Estes processos, semelhantes ao ProUni no Brasil (que permitiu que um número significativo de afro-brasileiros acedesse à universidade), foram verdadeiramente progressistas na integração de populações sistematicamente excluídas dos processos de construção destas nações latino-americanas, desde os tempos coloniais, profundamente enraizadas num “sistema de castas”, classista e racista que despojou os indígenas e os negros de direitos humanos fundamentais.

Os avanços sociais deram-se até em índices de participação democrática. Na Venezuela, em 1998, só 42.50% da população podia votar. No entanto, Chávez criou a *Misión Identidad* para reconhecer imigrantes “ilegais” no território e sectores populares e indígenas que não existiam juridicamente no estado de direito venezuelano: não tinham papéis, não eram cidadãos. Em 2015, 61% da população estava registada. (fonte: IFES Election Guide) Muitas vezes se fala na forma como Chávez subverteu a democracia na Venezuela, mas é importante recordar que tipo de democracia participativa existia na Venezuela antes do Chavismo e quem é que ia às urnas votar em quem.

Cuba reencontra o continente

Já nos anos 90, Cuba tinha indicadores de desenvolvimento muito acima da maioria dos países vizinhos: vacinação (94%

da população), acesso à educação primária (99.7%), mortalidade infantil (13/mil nascimentos) – dados de 1990 (BM). Números de 2017 mostram a evolução: vacinação 99%; mortalidade infantil: 5/mil nascimentos (valor mais baixo do que dos EUA, por exemplo: 7/mil).

O colapso do campo soviético, contudo, mergulhou o país numa crise sem precedentes a que se chamou “período especial”. Ao contrário dos países do ex-COMECON (Conselho para a Assistência Económica Mútua entre URSS e Leste europeu) que pediram empréstimos ao FMI, BM e Banco Europeu, as duríssimas sanções dos EUA impostas pelo bloqueio de 1962, reforçadas pelo Acto Helms-Burton de 1996 (assinado por Clinton), e a impossibilidade de aceder a créditos e capitais internacionais empurraram a economia cubana para a asfixia: entre 1990 e 1993, as exportações caíram 79% (5.4mil milhões de dólares para 1.2 mil milhões). Cuba teve de se readaptar, dolarizar a economia, abrir-se ao investimento estrangeiro, sobretudo no turismo. A nível social, 1990-1996 foram anos terríveis: estão na memória de muitos as imagens de milhares de cubanos que migraram em balsas em direcção aos EUA.

Após a eleição de Chávez em 1998, mas sobretudo após o fracasso do golpe de estado apoiado pelos EUA na Venezuela em 2002, as relações entre Fidel e Chávez estreitaram-se: entre 1990 e 2017, o PIB per capita cubano evoluiu de 28.65 mil milhões de dólares para 96.85 mil milhões (BM). Muito desse crescimento dependeu das parcerias com a Venezuela, sobretudo com a aliança Petrocaribe, que distribuía petróleo a países aliados a preços preferenciais. No caso de Cuba, a troca foi feita por médicos e professores para as missões como *Barrio Adentro* (médicos cubanos colocados em zonas desfavorecidas ou remotas da Venezuela).

A Revolução Bolivariana permitiu que Cuba se reencontrasse com o continen-

te, re-activando o papel que tinha tido durante a Guerra Fria, quando a pequena ilha no Caribe tentava exportar a sua revolução com o apoio a insurreições guerrilheiras. Isto aconteceu sobretudo em países que, após 1959, ano do triunfo da revolução cubana, tinham entretanto caído em ditaduras militares apoiadas pelos EUA. Só que com o assassinato de

“Uma eventual intervenção na Venezuela [...] poder[á] pôr em risco muitos dos indicadores de desenvolvimento”

Che Guevara na Bolívia (1967), e com o golpe de estado no Chile e a morte de Salvador Allende (1973), Cuba, ainda que participando em acções isoladas de guerrilha ou processos revolucionários (como na Nicarágua em 1979), ficou profundamente dependente da URSS, virando a sua política externa para África ou para o Leste europeu, afastando-se da América Latina.

Uma eventual intervenção na Venezuela ou o fim do governo de Nicolás Maduro poderão pôr em risco muitos dos indicadores de desenvolvimento humano atingidos nos últimos 20 anos na América Latina. A nova “onda azul” de regimes conservadores (como o de Macri, presidente da Argentina desde 2015, já sob a maior intervenção do FMI de que há memória, 15 anos depois da crise de 2001) ou proto-fascistas (como o de Bolsonaro no Brasil) vem aliada de uma retórica de ódio aos mais pobres e indígenas, que conseguiram acesso à educação, saúde e habitação, e de uma nova estratégia de vassalagem à política externa norte-americana na corrida aos últimos recursos naturais do planeta.

PUBLICIDADE



RESTAURANTE

O Piteu

Largo da Graça, 95-96 • 1170-165 LISBOA
Telef.: 21 887 1067



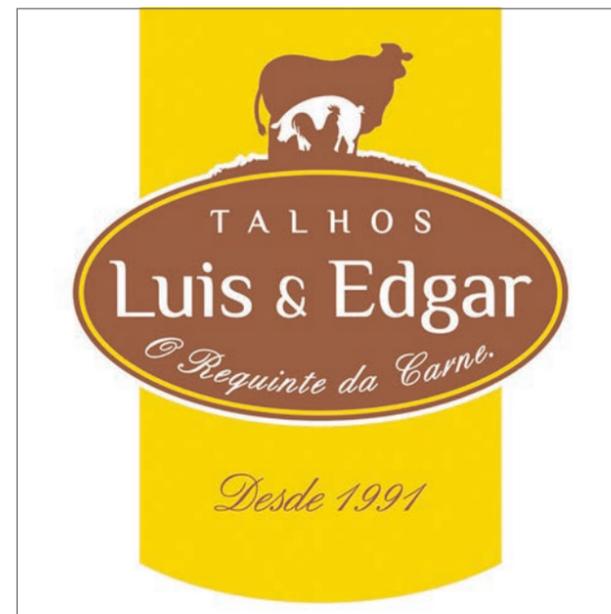
LIMPEZA A SECO

Desde 1970

TINTURARIA Jaguar, Lda.

Especialistas em:

Todo o Vestuário • Tratamento de Peles • Cortinados e Carpetes
Vestidos de Noiva • Roupas de Cerimónia • Serviços de Costura
www.tinturariajaguar.pt loja@tinturariajaguar.pt



TALHOS

Luis & Edgar

Requinte da Carne

Desde 1991

PROFESSORES

Manifestação nacional a 23 de março, em Lisboa



Manifestação de professores

De acordo com a página *AbrilAbril*, sindicatos de professores anunciaram que vão realizar uma manifestação nacional a 23 de março, em Lisboa, para exigir a recuperação de todo o tempo de serviço congelado. A decisão foi anunciada depois de uma reunião da ampla frente sindical, que reúne dez estruturas sindicais, entre as quais a Federação Nacional de Professores (Fenprof/CGTP-IN) e a Federação Nacional da Educação (FNE/UGT).

No dia 7, os sindicatos vão entregar à presidência da Assembleia da República e aos grupos parlamentares uma petição com mais de 60 mil assinaturas. De 11 a 20 de março, os professores serão chamados a uma consulta, promovida pelos seus sindicatos, sobre as formas de luta a concretizar no 3.º período.

A última reunião realizada com os representantes do Ministério da Educação, que o governo foi obrigado a realizar pela Assembleia da República, acabou sem acordo, com as estruturas sindicais a afirmar que esbarraram num “muro de intransigência”.

“Rigorosamente igual, sem mudar uma vírgula” foram as palavras escolhidas por Mário Nogueira, secretário-geral da Fenprof, para descrever a posição do Governo.

“É um problema sério e grave, porque o governo de Portugal, do PS, insiste em desprezar a lei, está a criar uma discriminação intolerável entre os professores do continente e os das regiões autónomas da Madeira e dos Açores, e a tentar apagar os anos de serviço que os professores trabalharam com os seus alunos nas escolas”, afirmou.

Em causa está a intransigência do executivo e a sua intenção em apagar cerca de 70% do tempo de serviço congelado, insistindo nos dois anos e dez meses, uma perda que, para os professores, é “inaceitável”. Estes exigem a contagem dos mais de nove anos, de forma faseada, seguindo a resolução aprovada na Assembleia da República, que recomenda a contabilização de todo o tempo de serviço congelado nas carreiras da Administração Pública, estando também prevista no Orçamento do Estado para 2019.



Sociedade de Instrução e Beneficência **A Voz do Operário**

Assembleia Geral Ordinária
11 abril 2019 — 18h

Nos termos do art.º 31º, ponto 32, alínea a), convoco todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos, para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar no próximo dia 11 de abril, às 18 horas, na sede da instituição, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Discussão e votação do Relatório e Contas 2018;
2. Informações.

Nota: Se à hora marcada para o início dos trabalhos não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia iniciar-se-á uma hora depois, de acordo com o disposto no art.º 33º, ponto 1, dos Estatutos.

Lisboa, 19 de fevereiro de 2019
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Libério Domingues

A Voz do Operário há 100 anos

A Batalha

Iniciou domingo a sua publicação este jornal diário, porta-voz da organização operária portuguesa. Do seu artigo de apresentação recortamos os seguintes períodos:

“Bem sabemos nós que *A Batalha*, que será na imprensa o porta-voz da organização operária nacional e, portanto, o interpreto das generosas aspirações da legião trabalhadora, d’essa legião que, ao mesmo tempo que, em luta afanos, arranca á natureza uberrima tudo quanto é mister á existencia, anda empenhada n’uma outra luta não menos ingente, qual é a de marchar em demanda d’um porvir, não de bem-estar apenas para alguns, mas de conforto para todos; bem sabemos nós, iamos dizendo, que *A Batalha* é um jornal assás difficil de fazer, não só porque é a primeira vez que em Portugal apparece um jornal lançado pela Central dos Sindicatos, e, portanto, com um character inédito, mas tambem porque n’este momento mundo operario convulsiona-se na ancia bem legitima de diminuir o predominio da classe rica, conquistando-lhe, uma parcella de regalias até agora usurpadas e para que o proletariado portuguez acompanhe sob esse aspecto, a acção que lá fóra se está desenvolvendo, não basta fazer propaganda: é necessario que essa propaganda seja realidade com a maior acuidade. Só assim ella logrará materialisar, a pouco e pouco, as nossas aspirações mais caras, só assim ella poderá produzir os almejados effeitos.

Dois factos da historia nacional

Antes dos soldados portuguezes e inglezes batessem os francezes no Bussaco, já os populares, organizados em milicias, tinham demonstrado, com valentia, que não se opprimem impunemente os descendentes de Viriato.

Um seculo depois, no anno de 1919, depois de implantado o regimen republicano em Portugal, os monarchicos, aproveitando as discordias dos dirigentes politicos, hasteiam, no Porto e n’outras povoações do norte, a bandeira azul e branca.

Em Lisboa, esboça-se tambem uma revolta monarchica, e na serra de Monsanto fluctua, durante algumas horas, a bandeira dos realistas.

Mas os civis, descendentes dos bravos populares que no seculo proximo passado atacaram os soldados do imperador dos francezes correm pressurosos, ao lado dos soldados portuguezes, e, a breve trecho, o pendão dos monarchicos é abatido e triumpha a Republica.

No emtanto, no Porto e em parte do norte de Portugal, desenvolve-se uma energica acção militar, que, parecia prolongar-se, quando, na vetusta e liberal cidade do 31 de janeiro, a alma popular vibra com animo altivo, e novamente o pavilhão republicano é hasteado aos accordes da *Portuguesa*, hymno nacional que Alfredo Keil nos legou.

5 de março de 1919